

A Mamoia 1 do Castelo (Jou) – Murça (Trás-os-Montes): Resultados dos trabalhos de escavação e de restauro dum Dólmen de Vestíbulo

Maria de Jesus Sanches *
Susana Andreia Nunes **
Margarida Santos Silva ***

ABSTRACT

Results from excavation work carried out at Mamoia do Castelo (Trás-os-Montes, North-eastern Portugal) in 2000-2001, are presented here. This is a megalithic monument, with chamber and other access structures - corridor opened directly in the clayey sediments, antechamber – in connexion with a covering sub-circular mound. Special emphasis is given to the different phases of construction / use / “closure” during the 4th millennium / first half of 3rd millennium BC. The intentional and constant use of fire is also pointed out. This may have a ritual significance. Attention is drawn to the engravings found on the inner orthostats.

1. LOCALIZAÇÃO DO MONUMENTO, SEU ENQUADRAMENTO ARQUEOLÓGICO E OBJECTIVOS DA ESCAVAÇÃO

A mamoia 1 do Castelo implanta-se no topo aplanado de uma pequena colina de encostas muito suaves, destacando-se da paisagem envolvente, ainda que a sua visibilidade esteja condicionada em certas direcções devido à existência de pontos de cotas mais elevados nas proximidades.

Monumento já conhecido da população e da bibliografia¹, a mamoia 1 do Castelo foi realocada durante a prospecção realizada no âmbito do projecto LAMARL².

* Departamento de Ciências e Técnicas de Património (DCTP) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (e-mail: msanches@letras.up.pt).

** Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (e-mail: susana.andreia@netcabo.pt).

*** Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

¹ É praticamente inexistente a bibliografia sobre este tipo de vestígios pré-históricos na região; a única referência que encontramos deve-se a António Luís Pinto da Costa: “Na freguesia de Jou e no lugar do Castelo, existem, a quinhentos metros do castro, três mamoias, bem salientes na paisagem planáltica do sítio. Uma parece estar intacta, mas as duas restantes já não têm a laje de cobertura. Não parecem ter corredor de acesso; se o têm, é de pequenas dimensões.” (Costa, 1992: 29)

² “Levantamento Arqueológico de Murça e Área Adjacente à Ribeira de Lila” (LAMARL), desenvolvido pelas signatárias e ainda por Rafael Morais, durante os anos de 1998 a 2001, apoiado pelo Instituto Português de Arqueologia e pela Câmara Municipal de Murça. Este programa foi ainda inscrito na linha de Pré-história do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (FCT) tendo sido financiado neste âmbito.

Originalmente fazia parte de um núcleo de pelo menos 3 monumentos, que incluía ainda as mamoas 2 e 3 do Castelo, destruídas recentemente, e que se localizariam a cerca de 350 metros para sul³.

Administrativamente integra-se no lugar do Castelo, freguesia de Jou, concelho de Murça, distrito de Vila Real (Trás-os-Montes) e apresenta as seguintes coordenadas geográficas: latitude – 41º 29' 04" N; longitude – 7º 24' 5.3" W (meridiano internacional), a 709 metros de altitude (segundo a “Carta Militar de Portugal”, escala 1:25 000, folha 75 – Santa Maria de Émeres, 2ª ed., 1998).

A mamoa 1 do Castelo insere-se no território que denominamos de “Terras de Jou”⁴, no qual os 13 *tumuli* que se conhecem se distribuem de forma isolada ou em pequenos núcleos de 2 a 3 monumentos. Integra-se ainda no “conjunto”/ necrópole do Castelo, que compreende um total de 8 *tumuli* (Sanchez e Nunes no prelo) e até à escavação, que ocorreu em simultâneo à da Mamoa d’Alagoa não se conhecia a estrutura interna de nenhum destes monumentos.

A mamoa 1 do Castelo inseria-se numa propriedade privada utilizada para cultivo de centeio, sendo que em especial a sua metade sul era todos os anos alvos de lavradio, o que arrastava os sedimentos do topo para a base. A sua metade norte, embora coberta por pinhal, encontrava-se mais bem preservada.

Após negociações com o dono do terreno, e através da Junta de Freguesia de Jou, foi adquirido pela Câmara Municipal de Murça o terreno onde aquela se situava⁵. Apesar das acções destrutivas de que era alvo todos os anos, a mamoa 1 do Castelo aparentavam estar bem conservada na sua estrutura megalítica, uma vez que não apresentava cratera de violação (Fig.3). A escavação veio mostrar que assim não era: a câmara encontrava-se destruída e fora posteriormente entulhada⁶.

Com o objectivo de conhecer a arquitectura da sua massa tumular e da sua estrutura interna, programou-se a sua escavação, constando também do programa inicial a conservação e musealização do monumento, caso este fosse susceptível de tais acções⁷.

2. CARACTERIZAÇÃO GEOMORFOLÓGICA E CLIMÁTICA DA REGIÃO

O território das “Terras de Jou” apresenta-se como uma sucessão de pequenas colinas de topo aplanado e encostas suaves, cujas altitudes oscilam entre os 500 e os 800 metros, que descem da Padrela, a W, para a Bacia de Mirandela, a Este.

Em termos geológicos integra-se numa área de substrato composto por rochas metassedimentares (xistos e quartzitos).

Segundo a Carta Biogeográfica de Portugal (COSTA *et al.*, 1998) esta região integra-se na Província Carpetano – Ibérico-Leonesa, sector Lusitano – Duriense, superdistrito da Terra Quente, com um clima que varia de sub-húmido na Serra de Santa Comba, a sub-húmido seco no restante território. Caracteriza-se por bosques mistos de sobreiro e zimbro (*Rusco aculeati* – *Quercetum suberis juniperetosum oxycedri* inéd.), matos pré-florestais (com *Cytisus*, *Lavandula* e *Retama*) e estevais (Figueiral e Sanchez, 1998-1999: 72).

³ Para além de informações orais recolhidas entre os habitantes da aldeia do Castelo que referem a existência dos dois monumentos já desaparecidos, a mamoa 1 do Castelo como as mamoas 2 e 3 encontram-se identificadas na Carta Geológica de Portugal, fl. 6D (Vila Pouca de Aguiar), escala 1/50 000 (ed. 1998), sendo duas delas (a mamoa 1 e uma das restantes) visíveis na fotografia aérea de 1958 (voo de USAF).

⁴ Cf. Sanchez e Nunes (no prelo).

⁵ Foi adquirida uma área de 60 por 60 metros em que se inclui apenas o monumento propriamente dito, e não aquela que actualmente é considerada necessária a este tipo de estudos.

⁶ Já durante a escavação, uma das pessoas contratadas na aldeia do Castelo, o Sr. Fernando Alves, contou-nos como em criança se abrigava do frio no interior duma cratera aberta no local da câmara, enquanto guardava as suas ovelhas. Também aí fazia lume para se aquecer.

⁷ As escavações realizaram-se nos meses de Abril e Maio de 2001 e em Julho de 2002 e foram integradas no Programa da disciplina de Trabalhos Práticos I de 1999/2000 e de Trabalhos Práticos I e II de 2000/2001, da licenciatura de Arqueologia da FLUP. Neste âmbito participaram 30 daqueles alunos.

3. ALGUMAS NOTAS SOBRE A METODOLOGIA DE ESCAVAÇÃO E DE REGISTO

Antes do início dos trabalhos propriamente ditos procedeu-se ao registo fotográfico do monumento, a que se seguiu a limpeza da vegetação que o cobria, constituída maioritariamente por carquejas e pinheiros.

Posteriormente foi marcado um quadriculado orientado aproximadamente pelos eixos N-S (a que foram atribuídas letras, excluindo-se a letra I para evitar confusões com a letra J) e E-W⁸ (a que foram atribuídos números), que se materializou num quadrado de 26 metros de lado, de forma a abarcar o monumento, subdividido em quadrículas de 2 metros de lado.

Após a implantação da quadriculagem no terreno procedeu-se ao levantamento topográfico, realizado de dois em dois metros⁹ (Fig.3).

Seguidamente foram marcadas 4 sanjas – a serem posteriormente decapadas e escavadas¹⁰ –, desencontradas, mas unidas no local onde se pensava ser o centro do monumento (Fig.3).

O desenrolar dos trabalhos conduziu ao alargamento da área a escavar, nomeadamente no quadrante este do monumento, tendo em vista a compreensão da zona da câmara e das suas estruturas de acesso (vestíbulo e corredor intratumular), da sua zona fronteira (átrio) e do “fecho” da couraça pétreia.

A decapagem e escavação do monumento foram feitas sempre por camadas naturais e o seu registo sistemático por “complexos” – Lx. (Sanches e Nunes, 2004).

Os materiais exumados foram referenciados à quadrícula e ao “complexo”, sendo, sempre que possível, “coordenados” segundo o sistema X, Y, Z, no contexto da quadrícula.

Em diferentes momentos da escavação foram recolhidos macrorrestos carbonizados, por flutuação e de modo insistente em todos os “complexos” do monumento (excepto na massa tumular de argila uniforme onde, aliás, nem existiam), tendo em vista o seu estudo antracológico e carpológico, e ainda a realização de análises radiocarbónicas, sempre que o contexto o permitisse.

4. MAMOA 1 DO CASTELO

4.1. Construção/ uso e encerramento

Baseando-nos na documentação recolhida e tal como fizemos para a mamoa d’Alagoa (Sanches e Nunes, 2004) vamos propor e discutir para a mamoa 1 do Castelo uma hipótese formal de sequência/ “faseamento” de acções que correspondem à construção, uso e encerramento.

Estes dois monumentos, que distam entre si somente 1450 m, embora apresentem uma estrutura interna distinta, partilham semelhanças ao nível da sua construção, ou seja, ao nível da sucessão genérica de acções que foram realizadas desde o início até à sua condenação.

4.2. Construção e encerramento: faseamento e descrição

A sequência de acções da mamoa 1 do Castelo pode ser formalmente sintetizada em 6 “tempos construtivos”, embora não tenhamos condições de avaliar e de comparar o tempo que decorre em cada uma das acções no interior da sequência.

⁸ O alinhamento do quadriculado, patente na sanja norte, está desviado 20º para Este do N Magnético, conforme se verifica nas plantas.

⁹ O levantamento foi feito com um nível óptico, pelo que as cotas são todas negativas. Foi escolhido para ponto 00 de referência o ponto mais elevado que corresponde ao único esteio então visível da câmara.

¹⁰ As sanjas marcadas correspondem às seguintes quadrículas: sanja sul - C9 a J 9; sanja norte - L10 a O10; sanja oeste - J5 a J8; sanja este - K10 a K15; o prosseguimento dos trabalhos veio a demonstrar que a sanja este estava demasiado desviada para norte, o que obrigou à abertura de uma alargada área a leste, de forma a se poderem escavar e perceber a câmara, estruturas de acesso ao dólmen - vestíbulo e corredor intratumular - e átrio; foram assim abertas as quadrículas L14 a L15 K9, J10 a J16, H10 a H16, G10 e G11 (parcial), G13 a G16.

Adiantamos que a Mamoa 1 do Castelo encerrava no seu interior um dólmen de vestíbulo, composto por uma câmara poligonal alargada formada, segundo cremos, por 9 esteios (Fig.4 e 5). Este dólmen teria uma câmara poligonal alargada, com uma área interna de 7,3 m² (2,00 m de eixo maior – N-S –, por 2,60 m de eixo menor – E-W)¹¹ – e, pelo menos, 1,70 m de altura interior (altura do esteio 4 que se encontrava ainda enterrado em cerca de 10-15 cm).

De entre os 9 conservaram-se somente 5 fincados no solo e, à excepção do esteio 4, o único quase intacto, estavam todos fragmentados e tombados para o interior. Os esteios da câmara, de quartzito, foram colocados em fossas abertas no solo geológico e sustentados por calços, encontrando-se na seguinte situação: os esteios 1, 2 e 3 estavam fragmentados na sua parte superior e inclinados para o interior, jazendo parte do esteio 2 no interior da câmara entre os sedimentos da violação; o esteio 4, como já referimos, o único completo apesar de “atacado” com um pico metálico na sua parte superior, estava inclinado para o interior e para sul, o que provocou a deslocação da sua base no lado noroeste; o esteio 5 – laje de cabeceira – de que só restava a parte inferior e que estava parcialmente tombado para o interior da câmara, já não tinha face interna, pois que a “lâmina” rochosa que a formava, e que tinha cerca de 5 cm de espessura, havia desaparecido quase por completo; o esteio 9, bem como o esteio 10, encontravam-se deslocados da sua posição original, tombado sobre os sedimentos remexidos da câmara.

A câmara abre-se a nascente através de um vestíbulo formado por dois esteios assentes sobre o seu lado maior: esteios 7 e 8, com 1,85 e 1,70 m de comprimento, por 76 e 75 cm de altura, respectivamente (Quadro 1). Tal como os esteios da câmara, os do vestíbulo eram sustentados por calços. Não tendo sido afectado por violações, o vestíbulo encontrava-se tal como foi abandonado após a sua condenação intencional, simultânea à do corredor intratumular.

Esteio nº	Alt. real (cm)	Alt. teórica (cm)	Largura (cm)	Esp. Real (cm)	Esp. Teórica (cm)	Volume (cm ³)	Densidade (g/ cm ³)	Peso (Kg)
1	120	185	55	15	15	152625	2,569	392,09
2	116	185	165	17	17	518925	2,586	1341,94
3	110	185	76	18	18	253080	2,618	662,56
4	185	185	70	15	15	194250	2,617	508,35
5	119	185	121	21	26	582010	2,600	1513,23
9	90	185	56	16	16	165760	2,600	430,98
10	99	185	62	16	16	183520	2,600	477,15
7	76	76	185	15	15	210900	2,609	550,24
8	75	75	170	15	15	191250	2,600	497,25
P Ext e	98	98	51	19	19	94962	2,600	246,90
P Ext d	97	97	45	19	19	82935	2,600	215,63
Pilar int	80	?	37	8		?	?	?

Quadro 1 – Mamoa 1 do Castelo: densidade/ peso dos esteios e dos Pilares. A densidade dos esteios 9 e 10, bem como dos Pilares Externos esquerdo e direito é aproximada.

No exterior da câmara identificaram-se dois esteios (pilares? - Pilar ext. esquerdo e Pilar .ext. direito 2) que encostavam, pelo exterior, aos esteios 1 e 8, e aos esteios 10 e 7, respectivamente, mas estavam tombados (e talvez partidos na sua parte superior). Entre a zona violada da câmara e a zona não violada do vestíbulo jazia tombada, mas ainda com a base fincada no solo geológico,

¹¹ Medidas interiores.

uma pequena laje delgada (levemente partida na parte superior), que cremos ser um pequeno pilar situado na passagem do vestíbulo à câmara¹².

Cremos que aqueles que denominamos de Pilar ext. e e Pilar ext. d poderiam ser os esteios que, erguendo-se acima das pedras do vestíbulo, suportariam alguma laje ou “porta” de encerramento da entrada da câmara. *O restauro foi realizado em função desta interpretação.*

Cabe desde logo realçar a volumetria e peso dos esteios que ainda se conservavam, ainda que, à excepção daquele nº 4, 7 e 8, bem como dos pilares exteriores, só restassem as partes inferiores, tal como consta do Quadro 1. Partindo do princípio de que todos os esteios da câmara teriam aproximadamente a mesma altura, esta foi então extrapolada do esteio 4, quer para o cálculo do peso de cada um¹³, quer para o posterior restauro da câmara. À excepção da tampa, que não pudemos calcular, mas que devia ultrapassar 4 toneladas, os restantes esteios seriam mais fáceis de manusear, tal como se verificou no decurso do restauro. Os esteios 2 e 5 pesariam entre 1300 e 1500 Kg, mas os restantes esteios da câmara e vestíbulo e pilares teriam pesos mais modestos, entre 400 e 500 Kg aprox.; por seu turno, os pilares, andariam em torno a 200-250 Kg.

4.2.1. 1º Tempo

Num momento prévio à construção de todo o monumento, o solo parece ter sido limpo da vegetação local através de fogo. É o que sugere o solo negro existente na periferia da mamoa em D-E/9 (Lx. 5) e, provavelmente, em G-H-J-K/15-16, que também contém solo negro (Lx. 19.1), ou castanho muito escuro (Lx. 8). Em D-E/9 este solo subjaz à terra do *tumulus*. Independentemente desta acção (a realização de fogo) ter sido ou não ritual, parece-nos intencional a grande concentração de seixos (blocos angulosos de quartzo, alguns com vestígios de talhe), lascas com vestígios de talhe, cristais (ou blocos de cristais), esquirolas de quartzito, tudo envolvido nestes sedimentos negros e ainda aqueles da periferia da mamoa em N/10 (Quadros 2 e 3). Assim, a deposição de “artefactos” terá começado logo no início, antes da construção da mamoa, mas desconhecemos se antes da construção do dólmen. Por razões formais colocamo-la aqui.

4.2.2. 2º Tempo

Num primeiro momento do 2º Tempo terá sido construído o dólmen, começando pela laje de cabeceira, na qual se “apoiam” os restantes esteios. Os esteios, após sustentados em pé por calços (ou em simultâneo à colocação destes), foram contrafortados exteriormente tanto na câmara como no vestíbulo. Este contraforte já sustém os Pilares exteriores esquerdo e direito. O contraforte é composto por lajes de quartzito alongadas e de média dimensão, dispendo-se em escama pelo exterior em relação aos ortostatos verticais e assentando no solo geológico. Apresentava-se muito destruído na sua metade sul, devido às violações a que esta zona esteve sujeita, mas nas partes conservadas media cerca de 1,20 m de largura máxima e cerca de 80 cm de altura.

Uma amostra de cortiça recolhida entre as pedras do contraforte (quadrado J11) foi datada pelo C14 (CSIC 1818), colocando o momento de construção do monumento num período entre 3979-3798 cal AC (método A, 2 sigma) (ver comentários adiante).

¹² No restauro este pilar foi indevidamente colocado encostado de modo paralelo ao esteio 7, quando na realidade deveria ser-lhe perpendicular. Fica aqui esta nota até que se possa proceder à devida correcção *in situ*.

¹³ A densidade do xisto quartzítico de cada esteio não foi medida no caso daquele nº 9 e 10, bem como nos Pilares exteriores. As medições (pesagens) foram realizadas pelo Dr. José Feliciano (geólogo), do Instituto Geológico e Mineiro e Consultor científico do projecto LAMARL, a quem agradecemos.

Quadrado	Complexo	.1	.2	.3a	.3b	.3c	.4	.5	.6	.7	.8	.9	.10	.11	.12	.13	.14	.15	.16
G9	Lx. 2	0	0	0	0	0	2	0	0	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0
G10	Lx. 2	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
G10	Lx. 17.1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
H9	Lx. 2	1	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2	0	0	0	0	1	1
H10	Lx. 8	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
H10	Lx. 2	3	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
H11	Lx. 2	19	0	2	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
J9	Lx. 14	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
J9	Lx. 15	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
J10	Lx. 2	2	0	0	1	0	3	0	3	1	3	0	0	0	0	0	0	0	0
J11	Lx. 2	14	0	5	1	0	0	0	0	1	0	0	8	0	0	0	0	0	0
K10	Lx. 2	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0
	TOTAL	42	0	8	4	1	6	0	3	8	3	3	10	0	0	0	0	1	2

Quadro 2 – Construção (Lx.2 + Lx.14 + Lx.15 + Lx.17).

Legenda extensível aos quadros 2,3, 4, 6, 8, 9 e 10—1 – cristais de quartzo leitoso; **.2** – cristais de quartzo hialino; **.4**–lascas de 3ª geração; **.5** – lascas de 2ª geração; **.6** – lascas de 1ª geração; **.7** – lascas com negativos de talhe; **.8** – núcleos com negativos de extracção; **.9** – esquirolas de quartzo; **.10** – blocos de quartzo angulosos; **.11** – esquirolas de quartzito; **.12** - esquirolas de xisto; **.13** – fragmentos de vasos da resina; **.14** – núcleos de quartzito; **.15** – grandes núcleos ou núcleos/percutores muito grandes; **.16** – lascas com retoques

Quadrado	Complexo	.1	.2	.3a	.3b	.3c	.4	.5	.6	.7	.8	.9	.10	.11	.12	.13	.14	.15	.16
G16	Lx. 8/19	5	0	0	0	0	0	0	0	0	5	0	3	0	0	0	0	0	0
G16	Lx. 19	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
H15	Lx. 19.1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
H15	Lx. 8/19	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
H16	Lx. 19.1	10	0	3	0	0	0	0	0	3	0	0	11	0	0	0	0	0	1
H16	Lx. 1/19	4	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Lx. 19.1	3	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
H16	Lx. 8/9	2	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1
J15	Lx. 1/19	17	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0
J15	Lx. 8/19	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
J16	Lx. 8/19		0	2	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
K14	Lx. 4/19	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
L14	Lx. 1/19	3	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0
L15	Lx. 1/19	16	0	5	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0
	TOTAL	76	0	16	0	1	0	1	1	7	5	2	17	0	0	0	1	0	2

Quadro 3 – Uso/ construção do átrio (Lx.1/19 + 4/19 + 8/19 + 19.1).

4.2.3. 3º Tempo

Simultaneamente à construção do contraforte terá sido lançada e acumulada a primeira terra do *tumulus* (Lx. 2) que originou uma colina artificial de contorno subcircular e perfil semicircular.

A construção da mamoa incluiu a deposição material variado que consta dos Quadros 4 e 2.

No decurso desta acção foram ainda depositados cristais de quartzo na parte posterior e norte da câmara, particularmente próximo dos esteios 2 e 3, e, junto destes, colocadas algumas pedras. Os sedimentos de cor escura junto destes dois esteios parecem denunciar a realização de uma pequena fogueira após a construção do contraforte.

Quadrado	Complexo	.1	.2	.3a	.3b	.3c	.4	.5	.6	.7	.8	.9	.10	.11	.12	.13	.14	.15	.16
E9	Lx. 4/5	27	0	2	0	0	0	0	0	64	28	49	63	0	0	0	0	0	0
G13	Lx. 4/5	5	0	0	0	0	0	0	0	5	0	0	0	4	0	0	0	0	0
G14	Lx. 4/5	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
J6	Lx. 4/5	5	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
K13	Lx. 4/5	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
M10	Lx. 4/5	31	0	7	0	0	0	0	0	7	0	0	67	0	0	0	0	0	0
N10	Lx. 4/5	90	0	12	0	0	0	0	0	26	0	0	69	19	0	0	0	0	0
	TOTAL	163	0	21	0	0	1	0	0	103	28	49	199	23	0	0	0	0	0

Quadro 4 – Couraça e sob couraça (Lx.4 + Lx.5 + Lx.4/5).

Posteriormente, e naquele que podemos considerar um segundo momento deste 3º tempo, toda a massa tumular foi coberta por fogo intenso que, a julgar pela quantidade de carvão, deve ter ficado em combustão mais do que um dia. Sobre as cinzas, mas sobretudo sobre as brasas ainda vivas, foram sendo colocadas pedras que definem o arco de couraça exterior. Por sobre estas primeiras pedras continuou-se a realizar fogo à medida que iam sendo colocadas outras até terminar a construção da couraça.

Durante a construção da couraça foi igualmente depositada uma série de “artefactos”, nomeadamente cristais de quartzo leitoso, blocos com cristais de quartzo leitoso, lascas, núcleos, esquirolas e blocos de quartzo angulosos (Quadro 4).

Apesar de os sedimentos que indicariam esta situação (Lx. 4) não se detectarem na parte alta da mamoa nem tocarem nos esteios, o corte estratigráfico 2 (Fig.7) denuncia que esta camada se prolongaria para o topo do monumento, tendo sido destruída pela agricultura e pela erosão. De qualquer modo, dada a ausência de couraça nessas áreas, é provável que o incêndio na parte superior da mamoa, a ter realmente tido lugar, tivesse aí uma menor expressão. Cremos que além da acção ritual envolvendo o fogo, este terá proporcionado uma mais rápida consolidação do solo argiloso do *tumulus*, particularmente se o monumento tivesse sido construído com argila húmida, mais fácil de “enformar”.

A couraça marca o limite exterior da mamoa, desenhando uma forma subcircular que é interrompida / aberta, em cerca de 6 m, na zona do corredor intratumular. É composta por elementos pétreos de pequena e média dimensão, encaixados entre si de modo diferente conforme os locais (apresenta uma maior imbricação na sanja norte). Trata-se de uma couraça periférica, já que só avança por sobre a massa tumular numa extensão não superior a 1,20 m.

As amostras recolhidas nestes sedimentos mostram que foram queimadas quase exclusivamente urzes, que criam uma combustão eficaz e prolongada, e ainda alguns codeços/tojos e *Quercus* (Figueiral, no prelo)¹⁴

Foram datadas pelo C14 duas amostras deste conjunto, recolhidas, uma na sanja norte e a outra na sanja oeste, na terra queimada sob e entre as pedras da couraça. A amostra CSIC 1816 (do quadrado J6) coloca a construção da mamoa – no momento em que o montículo esteve coberto pelo fogo – entre 2397-2140 cal AC (método A, 2 sigma), resultado que, por apontar para uma cronologia muito recente, nos parece anómalo no conjunto das datas obtidas para o monumento. Este resultado poderá eventualmente ser atribuído à presença duma “rede” de raízes de pinheiro e de tojo.

A amostra Ua 19121 (do quadrado M10) situa este momento num período entre 3504-3032 cal AC (método A, 2 sigma), ou, mais provavelmente (84,6%), entre 3504-3032 cal AC (método B, 2 sigma). Estas datas serão discutidas adiante no ponto 4.3.

¹⁴ Amostras MC/SW-00-3-C; MC/SN-00-7-C; MC/SN-00-41-C; MC/SW-00-45-C.

Em termos formais a mamoa 1 do Castelo apresentava um *tumulus* de forma subcircular, levemente alongado no sentido W-E; teria originalmente cerca de 17,20 metros de eixo N-S e 23,10 metros de eixo W-E. Na parte central tinha cerca de 1,68 metros de altura máxima, embora, como verificámos no decurso da escavação, o monumento havia sido construído sobre uma pequena elevação natural, o que lhe conferia uma altura de cerca de 1,90 metros em relação ao terreno circundante, como evidencia o levantamento topográfico. Pensamos que a altura original aproximada seria de cerca de 2m, uma vez que o esteio 4, o único não partido e só levemente tombado, quando devolvido à sua posição original media cerca de 1,80 metros e sobre este assentaria ainda a tampa do monumento.

Ainda neste 3º tempo terá sido construído o corredor intratumular, que se desenvolvia frente ao vestíbulo, numa extensão de cerca de 3 metros, e consistia numa depressão alongada, com perfil em U, mais fechado junto do vestíbulo e mais aberto no extremo oposto.

Frente ao vestíbulo o corredor intratumular define-se, nos primeiros 1,84 metros, sobre o solo geológico; a partir daqui eleva-se de forma gradual por sobre o *tumulus* em cerca de 72 cm definindo-se já como uma depressão na massa tumular. Ao contrário do que foi detectado em outros monumentos desta região, em que o corredor intratumular é construído com elementos pétreos (como no caso da Mamoa 1 de Madorras - Sabrosa), o da Mamoa 1 do Castelo, tal como o da vizinha mamoa d'Alagoa, é moldado em argila que, depois de endurecida, dispensaria tais elementos.

O átrio desenvolve-se frente ao corredor intratumular e consiste num espaço demarcado fisicamente por uma fiada de pequenas pedras e seixos que unem de lado a lado a couraça interrompida nesta área, Este fecho estende-se pelos quadrados G14-15, H15, J15, K14-15 e L14.

Destacamos na área do átrio o aparecimento de seixos rolados, predominantemente negros com veios brancos (Quadro 5) alguns ainda fincados na vertical, mas a maioria tombados e arrastados pela acção dos cultivos. Esta área possuía terra muito negra e carvão, “composto “ este que integra uma série de “artefactos” que podem estar relacionados com ritualizações nesta área *antes e durante sua construção*: cristais de quartzo leitoso, blocos com cristais, cristais pequenos, lascas e núcleos com vestígios de extracção, esquirolas e blocos de quartzo angulosos (Quadro 3). A estratigrafia não permite distinguir se as espécies florísticas foram queimadas na construção, no uso ou no processo de condenação do dólmen. Dominam as urzes, aparece ainda tojo/codeço bem como cortiça, tal como em todas as zonas “queimadas” (Figueiral, 2004)¹⁵.

4.2.4. 4º e 5º Tempos

A ausência de níveis intactos na câmara e a presença no vestíbulo dos sedimentos da condenação intencional não permitiram distinguir o encerramento terminal – 5º tempo –, da utilização funerária e/ou doutra da câmara – 4º tempo. Assim, talvez o material encontrado na câmara possa ter pertencido ao “uso”, mas também poderá ser atribuído ao encerramento intencional. Nos sedimentos da violação da câmara foi recolhida uma grande quantidade de cristais (sendo nesta área que se encontram em maior número), assim como blocos com cristais, lascas (com e sem retoques), núcleos com negativos de extracção, esquirolas, blocos de quartzo angulosos, que poderão ter estado relacionados com a utilização original deste espaço (Quadro 6). Para além destes artefactos foram ainda recolhidos 39 fragmentos cerâmicos, todos em fabrico manual, a maioria em mau estado de conservação, que, pelas pastas e/ou decorações, parecem pertencer a 5 recipientes diferentes (ver adiante ponto 5).

¹⁵ Amostras MC/ZN-00-25-A e MC/ZN-00-47-A

A MAMOIA 1 DO CASTELO (JOU) – MURÇA (TRÁS-OS-MONTES):
RESULTADOS DOS TRABALHOS DE ESCAVAÇÃO E DE RESTAURO DUM DÓLMEN DE VESTÍBULO

N.º Inv.	Quadr.	Coordenadas (cm)			Contexto	Forma	Perfil	Dimensões max. (cm)			Estado de conservação
		X	Y	Z				alt.	larg.	esp.	
1	H15	100	92	166	Lx. 8	Oval	Sub-rectangular	9,5	6,3	3,1	regular
2	H15	195	55	-	Lx. 19.1	Subcircular	Sub-rectangular	7,5	5,2	3,1	fracturado
3	J15	17	53	-	Lx. 1	Sub-rectangular	Sub-rectangular	7,9	4,9	2,1	bom
4	J15	80	115	-	Lx. 1	Subtriangular	Sub-rectangular	10,6	7,1	3,5	bom
5	J15	124	44	173	Lx. 8	Elíptica	Subtriangular	9,5	5,2	5,1	bom
6	L14	117	173	141	Lx. 1	Sub-rectangular	Sub-rectangular	13,2	5,9	2,5	bom
7	J15	18	32	-	Lx. 1	Subtriangular	Sub-rectangular	10,7	7,1	2,8	regular
8	J16	54	109	-	Lx. 1	Elíptica	Elíptica	6,9	5,5	3,0	regular
9	J15	20	40	-	Lx. 1	?	Sub-rectangular ?	?	6,6	2,2	fracturado
10	J15	104	40	171	Lx. 2	Oval	Sub-rectangular irregular	7,5	4,6	1,6	bom
11	J16	12	8	-	Lx. 1	Subtriangular	Sub-rectangular	10,7	8,2	2,9	regular
12	H-J15	41	0	-	Lx. 1	Oval	Sub-rectangular	7,1	4,1	2,8	bom
13	J16	137	21	-	Lx. 1	Sub-rectangular	Sub-rectangular	9,7	4,4	2,1	bom
14	J16	137	21	-	Lx. 1	Oval	Plano-convexa	7,1	4,8	4,8	regular
15	J15	-	-	-	Lx. 1	Oval	Sub-rectangular	15,0	6,9	4,8	bom
16	N15	-	-	-	Lx. 1	Subpentagonal	Sub-rectangular	9,8	8,2	3,5	bom
17	O15	-	-	-	Lx. 1	Circular	Sub-rectangular	7,7	7	1,9	bom
18	M15	-	-	-	Lx. 1	?	Sub-rectangular?	8,1	3,7	?	fracturado
19	Superf.	-	-	-	Lx. 1	Oval	Oval	9,6	7,0	4,2	bom
20	Superf.	-	-	-	Lx. 1	Oval	Plano-convexa	9,3	7,3	2,6	regular

Quadro 5 – Mamoa 1 do Castelo: seixos rolados.

Quadrado	Complexo	.1	.2	.3a	.3b	.3c	.4	.5	.6	.7	.8	.9	.10	.11	.12	.13	.14	.15	.16
H9	Lx. 3	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
H10	Lx. 3	121	0	4	1	2	4	0	0	9	16	0	2	5	1	1	0	1	0
H11	Lx. 3	24	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
H11	Lx. 1/3	21	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
J9	Lx. 7	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
J9	Lx. 3	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
J10	Lx. 3	67	1	10	0	0	0	0	0	12	0	0	19	0	0	0	0	0	0
J10	Lx. 7	11	0	1	2	0	1	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0
J11	Lx. 3	64	0	5	1	0	0	0	0	0	0	1	14	0	0	0	0	0	0
	TOTAL	316	1	20	4	2	5	0	0	23	16	1	35	5	1	1	0	1	1

Quadro 6 – Violação da câmara (Lx.3 + Lx.7).

As estruturas de acesso à câmara – vestíbulo e corredor intratumular –, e cremos que a própria câmara, foram, a certa altura, “condenadas”. Esta condenação iniciou-se pelo preenchimento do interior do vestíbulo e, provavelmente, da base do corredor intratumular, com cristais, blocos com cristais, esquírolas, lascas com negativos de talhe e blocos de quartzo angulosos (Quadro 7), enquanto aí era realizado fogo, de que resultaram sedimentos queimados e grandes quantidades de carvão. Urzes, e, em menor grau, fabáceas e cortiça dão conta do material lenhoso utilizado (Figueiral, 2004)¹⁶

De seguida, os esteios do vestíbulo foram tombados para o interior e procedeu-se à colmatação total do espaço por sobre esta estrutura e o corredor intratumular, que consistiu, novamente,

¹⁶ Amostra MC/ZN-00-31.3-V

num preenchimento ordenado deste espaço com argila, blocos de quartzo, alguns com cristais incorporados, e mesmo alguns cristais, lascas (com e sem retoques), núcleos, esquirolas e blocos de quartzo angulosos (Quadro 8), ao mesmo tempo que aí se realizavam insistentes “queimadas” de elementos vegetais (Figueiral, 2004)¹⁷. O local situado frente às lajes do vestíbulo, como que encerrando este na sua comunicação com o corredor intratumular, também contou com as deposições que constam do Quadro 9.

Quadrado	Complexo	.1	.2	.3a	.3b	.3c	.4	.5	.6	.7	.8	.9	.10	.11	.12	.13	.14	.15	.16
J11	Lx. 24	36	0	6	2	0	0	0	0	0	0	1	25	0	0	0	0	0	0
	TOTAL	36	0	6	2	0	0	0	0	0	0	1	25	0	0	0	0	0	0

Quadro 7 – Encerramento do vestíbulo (Lx.24).

Quadrado	Complexo	.1	.2	.3a	.3b	.3c	.4	.5	.6	.7	.8	.9	.10	.11	.12	.13	.14	.15	.16
H11	Lx. 6	16	0	5	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
H12	Lx. 6	12	0	4	0	0	0	0	0	0	1	8	0	0	0	0	0	0	0
H13	Lx. 6	3	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
J11	Lx. 6	15	0	4	6	0	0	0	0	6	5	0	15	0	0	0	0	0	0
J12	Lx. 6	47	0	19	4	4	0	0	2	13	2	0	19	2	0	0	0	0	1
J13	Lx. 6	11	0	6	1	0	0	0	0	2	4	39	2	3	0	0	0	0	0
	TOTAL	104	0	39	12	5	0	0	2	21	12	48	36	5	0	0	0	0	1

Quadro 8 – Encerramento do corredor intratumular.

Quadrado	Complexo	.1	.2	.3a	.3b	.3c	.4	.5	.6	.7	.8	.9	.10	.11	.12	.13	.14	.15	.16
H11	Lx. 18	2	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
H11/12	Lx. 18	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	TOTAL	2	0	0	2	0													

Quadro 9 – Deposição frente às lajes do vestíbulo (Lx.18).

A imagem terminal da condenação dá conta de um espaço tumular totalmente fechado, mas que é marcado, na parte superior, por uma área alongada com pedras, onde destacamos grandes blocos de cristais, terra queimada e carvão que contrasta (ria) nessa área com os sedimentos argilosos, de cor laranja uniforme, da mamoa (Fig.9).

As espécies florísticas queimadas no decurso da condenação destas estruturas são as urzes e giestas, destacando-se, no entanto, o facto de ser aqui que ocorrem as concentrações mais importantes de cortiça¹⁸, que pode ter sido utilizada por ser um combustível de longa duração (Sanchez e Nunes, 2004). Merece igualmente destaque a presença do teixo numa das amostras recolhidas na condenação do corredor intratumular, actualmente em vias de extinção em Portugal¹⁹. Esta planta, de folhas tóxicas e sementes venenosas, é associada por Isabel Figueiral à morte voluntária (suicídio) entre alguns povos da Idade do Ferro peninsular (Figueiral, 2004).

Para o momento de condenação e encerramento da mamoa 1 do Castelo possuímos 4 amostras: uma delas – CSIC 1815 – (do quadrado J11) provém da zona do vestíbulo e as restantes – CSIC 1814 (quadrado H11), Ua 19122 (quadrado H12), e CSIC 1817(quadrado J12), – foram recolhidas em diferentes níveis da condenação do corredor intratumular, por sobre o vestíbulo.

¹⁷ Amostras MC/ZN-00-33.2-CI; MC/ZN-00-28.1-CI; MC/ZN-00-42-CI; MC/ZN-00-38-CI; MC/ZN-00-23.1-CI; MC/ZN-00-49-CI; MC/ZN-00-44-CI; MC/ZN-00-36-CI.

¹⁸ Cf. Figueiral (2004).

¹⁹ Amostra MC/ZN-00-33.2-CI.

Como comentaremos adiante, deveremos atender aos resultados destas 3 últimas, aliás estatisticamente semelhantes – que situam a condenação entre 2857-2502 cal AC; este resultado torna anómala a data do vestíbulo (ver comentário em 4.3).

4.2.5. 6º Tempo

Refere-se às violações. A câmara encontrava-se completamente violada, não tendo sido identificados sedimentos não remexidos coetâneos do monumento. Foram identificados três momentos de violação. Uma, mais antiga, e aquela verdadeiramente responsável pela quase total destruição da câmara (identificada no corte estratigráfico 2 - V1), atingiu a sua base na zona sul, onde faltam por completo quer os esteios, quer a grande maioria das pedras do contraforte. Por essa razão aí só foram parcialmente identificadas as fossas dos esteios e respectivos calços. A parte norte da câmara foi destruída pelo seu lado exterior e, também aí foram feitas fogueiras, provavelmente por pastores, quando aí se encontrava uma fossa ou cratera. Identifica-se aí uma segunda violação (V2), que poderá ter-se estendido à câmara, onde terá sido destruída por uma terceira violação (V3). Relatos orais de pessoas da aldeia do Castelo deram-nos conta de uma das utilizações recentes do monumento. Nos dias frios, enquanto os rebanhos pastavam na periferia, o pastor abrigava-se na depressão central da mamoa, onde podia fazer lume e, pondo-se em pé, vigiar as ovelhas. Tal faz supor que a mamoa teve em tempo recente uma cratera aberta na sua parte superior (anos de 1960-70). Esta cratera será aquela cujo enchimento identificamos como V3, mas nesta unidade estratigráfica poderão estar presentes várias violações recentes, uma das quais corresponde a uma tentativa do proprietário do terreno verificar se ali existiam tesouros.

Quadrado	Complexo	.1	.2	.3a	.3b	.3c	.4	.5	.6	.7	.8	.9	.10	.11	.12	.13	.14	.15	.16
E9	Lx. 1	5	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
G13	Lx. 1	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
J10	Lx. 1	9	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0
J11	Lx. 1	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
K9	Lx. 1	0	0	0	0	0	2	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
K11	Lx. 1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
N10	Lx. 1	10	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
	Lx. 1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	TOTAL	32	0	3	0	0	2	0	0	1	4	1	0	0	0	0	0	0	1

Quadro 10 – Superfície (Lx.1).

Os fragmentos de vasos de resina testemunham as “utilizações” em tempos recentes da câmara e o Quadro 6 inventaria os “artefactos” líticos aí exumados.

4.3. A RELAÇÃO ENTRE A CRONOLOGIA ABSOLUTA E A HIPÓTESE DE FASEAMENTO PROPOSTO

Na mamoa 1 do Castelo foram recolhidas diversas amostras de carvão e cortiça para datação, dispondo-se no momento do resultado de 7 delas; o contexto de recolha foi referido no ponto anterior e os resultados figuram no Quadro 11 e Gráfico 1.

Com três destas amostras pretendia-se datar o contexto da construção do monumento – CSIC 1818, Ua 19121 e CSIC 1816. Eliminando a última – CSIC 1816 –, que como referimos anteriormente nos fornece um resultado anómalo, comentaremos as duas restantes.

A primeira – CSIC 1818 –, que se refere a cortiça semicarbonizada, foi recolhida entre as pedras do contraforte, relacionando-se com o momento de construção desta estrutura de escora-

mento da câmara; integra-se assim no 2º Tempo. O resultado desta amostra coloca a construção do dólmen no 1º quartel do IVº milénio AC, num período entre 3979-3798 cal AC (método A, 2 sigma). A segunda – Ua 19121 –, realizada sobre carvão vegetal e recolhida entre as pedras da couraça (sanja norte), situa o momento da construção da mamoa, no momento em que esta esteve coberta pelo fogo, em meados/ finais do IVº milénio, entre 3504-3032 cal AC (método A, 2 sigma), ou mais provavelmente (84,6%), entre 3382-3081 cal AC (método B, 2 sigma).

Assim, dispomos de duas datas para o momento de construção do monumento, que nos permitem colocar duas hipóteses alternativas.

Ref. Lab	Datação BP	Calibração (AC)						Obs.
		Método A		Método B				
		1 sigma	2 sigma	1 sigma	%	2 sigma	%	
Ua 19121 (AMS)	4560±65	3369-3104	3504-3032	3488-3472 3371-3306 3287-3285 3568-3265 3238-3168 3163-3102	6,1 31,5 1,0 1,3 31,9 28,3	3505-3425 3422-3414 3382-3081 3067-3029	12,0 0,5 84,6 3,0	Carvão vegetal. Entre as pedras da couraça (sanja norte). M10; Lx. 4.1 (MC/SN-00-41-C)
CSIC 1816	3806±32	2291-2152	2397-2140	2290-2199 2157-2153	96,9 3,1	2396-2385 2341-2316 2315-2140	1,6 4,4 93,9	<i>Idem.</i> Entre as pedras da couraça (sanja oeste). J6; Lx. 4; (MC/ZW-00-3-C)
CSIC 1818	5112±36	3964-3811	3979-3798	3965-3937 3876-3871 3862-3807	36,1 3,4 60,5	3977-3906 3902-3864 3881-3799	43,1 2,0 55,0	Cortiça. Entre as pedras do contraforte. J11; Lx.20.1; (MC/ZN-00-28.3-CI)
CSIC 1815	3862±33	2455-2215	2463-2202	2455-2452 2430-2423 2403-2363 2353-2285 2248-2234 2216-2214	1,5 4,3 28,4 56,4 8,3 1,1	2460-2272 2255-2227 2223-2204	85,4 9,4 5,2	Carvão vegetal. Condenação do vestíbulo (base do vestíbulo). J11; Lx.24; (MC/ZN-00-31.3-V)
CSIC 1814	4136±33	2863-2602	2877-2579	2861-2829 2822-2809 2756-2721 2702-2659 2651-2623	21,4 8,4 22,7 29,3 18,2	2873-2799 2785-2619 2610-2596 2592-2583	28,5 66,2 3,6 1,7	<i>Idem.</i> Condenação do eixo da entrada, por sobre o vestíbulo. H11; Lx. 13 (16); (MC/ZN-00-44-CI)
Ua 19122 (AMS)	4080±70	2858-2494	2879-2646	2857-2813 2739-2725 2697-2559 2535-2531 2524-2496	19,1 4,9 62,2 1,4 12,5	2873-2800 2784-2470	18,1 81,9	<i>Idem.</i> Condenação do eixo da entrada, por sobre o vestíbulo (recolhida a uma cota superior à da amostra anterior). H12; Lx. 6 (10); (MC/NZ-00-36-CI)
CSIC 1817	4057±33	2620-2497	2837-2473	2825-2825 2657-2653 2622-2606 2603-2559 2536-2529 2525-2495	0,6 2,1 16,2 44,7 4,5 31,9	2839-2817 2665-2645 2642-2472	5,7 5,9 88,4	<i>Idem.</i> Condenação do corredor intratumular. J12; Lx. 6 (MC/ZN-00-33.2-CI)

Quadro 1 – Mamoa 1 do Castelo: datas de ¹⁴C.

A amostra CSIC 1818 coloca a construção da mamoa 1 do Castelo num período entre 3979-3798 cal AC, período em que na Beira Alta são construídos dólmenes de vestíbulo como o dólmen do Picoto do Vasco (Vila Nova de Paiva) e o dólmen 2 da Lameira de Cima (Penedono) (Cruz, 2001). Contudo, o facto de estarmos a datar cortiça, cuja longevidade e reaproveitamento é conhecido, aconselha cautela neste resultado. Já a amostra Ua 19121 coloca a construção da mamoa num

momento mais tardio, entre 3504-3032 cal AC, período próximo ao qual, na zona ocidental do território das “Terras de Jou”, terá sido construída a mamoa 1 de Madorras (Sabrosa), entre 3693-3377 cal AC (Cruz, 2001: 285-286). Enquanto não dispusermos de mais dados ao nível regional não nos podemos pronunciar em favor de uma ou de outra.

Com as restantes amostras – CSIC 1815, CSIC 1814, Ua 19122 e CSIC 1817 – pretendiam-se datar o(s) momento(s) de condenação e encerramento do dólmen. As três últimas amostras, recolhidas no momento da condenação do corredor intratumular, ou seja, no momento de encerramento do dólmen, são estatisticamente semelhantes, o que nos permitiu obter a sua média ponderada, que coloca a condenação num período entre 4095 ± 23 BP²⁰, ou seja, entre 2857-2502 cal AC (método A, 2 sigma). Tal resultado inviabiliza aquele da amostra CSIC 1815 pois cumulativamente esta amostra, da base do vestíbulo, era recoberta por todos os sedimentos que continham aquelas 3 acima.

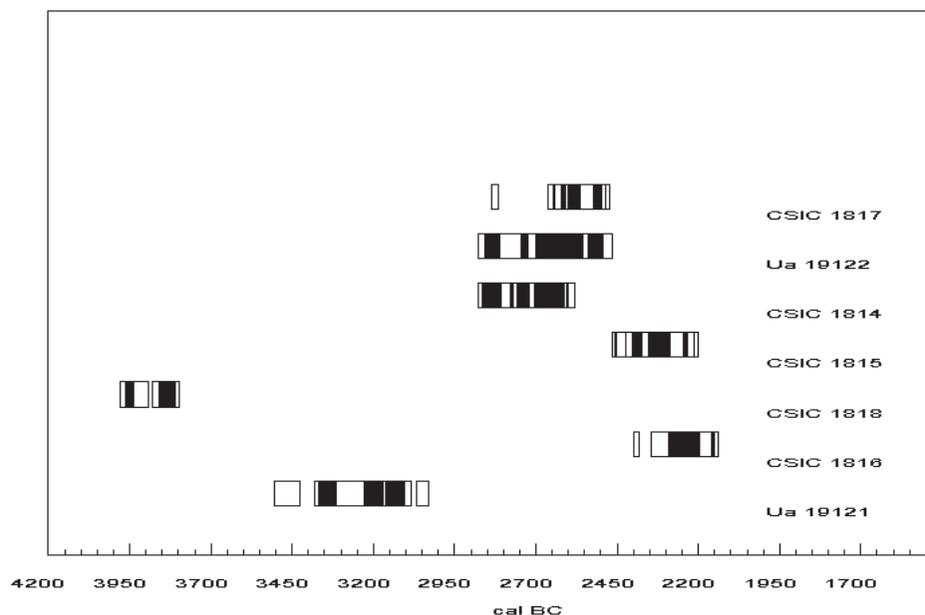


Gráfico 1 – Mamoa 1 do Castelo: representação gráfica das datações de ¹⁴C.

O momento de encerramento da mamoa 1 do Castelo parece estar assim bem definido, situando-se na 1ª metade do IIIº milénio AC, ao contrário do momento da sua construção, o que implica comentar novamente as datas obtidas.

Se aceitarmos a hipótese lançada pela amostra CSIC 1818, que coloca a construção da mamoa 1 do Castelo no 1º quartel do IVº milénio AC, e dado que o momento de encerramento do monumento parece estar bem determinado, teremos de considerar que o dólmen terá estado aberto e em funcionamento durante um período de tempo muito longo (bastante superior a um milénio). Embora em alguns monumentos se tenham registado períodos de funcionamento longos, como parece ser o caso da Orca das Castonairas (Vila Nova de Paiva)²¹, estes são a exceção num conjunto de monumentos cuja construção, utilização e encerramento parecem ocorrer num período curto, por vezes indistinguíveis em termos de cronologia absoluta. Se aceitarmos a data Ua 19121 teremos um intervalo entre construção e encerramento mais curto (claramente inferior a um milénio). A tipologia do espólio arqueológico, como veremos, também não abona mais em favor de nenhuma destas hipóteses.

²⁰ Teste estatístico T' – 2,62; Xi2 (.05) – 5,99.

²¹ Trata-se de um dólmen de corredor, cuja utilização inicial se situará entre 3968 e 3710 cal AC, tendo a sua utilização final, na zona do átrio e do corredor intratumular, decorrido na 2ª metade do IVº/inícios do IIIº milénio AC (Cruz, 2001).

5. SOBRE AS PEÇAS INTEGRADAS NA CONSTRUÇÃO E USO DA MAMOÁ 1 DO CASTELO

A escavação deste monumento levou-nos a assumir um conceito abrangente de “espólio”, quer pela sua natureza (ser fabricado pelo homem ou ter sido trazido na sua forma natural doutro lugar), quer pelo seu contexto específico: deposto na couraça, no *tumulus*, no átrio, no vestíbulo, etc.

Exluímos desta rubrica alguns elementos estruturais, como as pedras da couraça e os esteios, enfatizando assim artefactos ou “peças” cuja inclusão no monumento – construção, uso e encerramento – não cumpre uma função imediatamente construtiva. Queremos dizer que em muitos casos poderia ter sido utilizado outro tipo de “matéria-prima”, em detrimento daquela que foi efectivamente utilizada, particularmente nos sedimentos do contraforte, no átrio, corredor intratumular, vestíbulo e mesmo na câmara.

Este grupo de “peças”/artefactos inclui: a) cristais individualizados em quartzo leitoso (só apareceu um cristal em quartzo hialino); b) blocos de quartzo de diversos tamanhos com estrutura cristalina muito desenvolvida, ou seja, visualmente são aglomerados de cristais (Fig. 11) (“cachos de cristais”); c) dejectos de talhe/núcleos e lascas com extracções. Naturalmente, consideramos espólio os seixos rolados, o machado e a cerâmica que também exumámos na Mamoa 1 do Castelo. Este material móvel consta dos quadros 2 a 4 e 6 a 9 e o seu elevado número atesta que não se trata de algo casuístico, mas duma intenção clara de colocar certas “peças”, que teriam um valor específico, em diferentes momentos da vida do monumento.

No Quadro 10 vêm inventariadas as peças deste grupo que apareceram à superfície (contexto Lx.1), cujo contexto original, no monumento, desconhecemos. Também desconhecemos o contexto do “machado” encontrado à superfície, sobre a mamoa, durante as prospecções de 1997. Trata-se duma peça muito polida, cuja forma e perfil sugere um machado, mas o desgaste – boleamento—, de toda a peça, e em particular, da zona do gume, faz-nos duvidar que esta peça algum tenha sido *funcionalmente* um machado. É de admitir que a sua presença no monumento se possa dever precisamente ao facto de sugerir um machado, o que num contexto deste tipo seria, a nosso ver, admissível: o conceito poder-se-ia ter sobreposto à função. Evidentemente que também podemos admitir que se trata dum artefacto gasto, em desuso, incluído no monumento como tal, ao qual a erosão, potenciada pelos cultivos, terá obliterado todas as arestas e gume. Tem 9,4 cm de comprimento, 5, 4 cm de largura e 2,6cm de espessura na parte central (Fig.9).

Nas terras violadas da câmara, junto do esteio 2, foi exumada uma laje com uma covinha, podendo ser um fragmento de esteio decorado ou então, simplesmente, um “artefacto” móvel, agora deslocado. Localização: J10; X- 117; Y-62; Z-102cm (Fig. 11).

Como dissémos atrás, na entrada do átrio encontraram-se 20 pequenos seixos polidos, embora 3 estivessem fracturados (Quadro 5; Fig. 11 e 12). Têm dimensões que variam entre os 6,5 e os 15 cm de altura, e formas bastante variadas. A característica que permite assumi-los como um conjunto (além do contexto e de serem seixos polidos pelas águas) é a sua cor, predominantemente negra, onde sobressaem veios brancos que “desenham” formas variadas. Mesmo assim, 2 de entre eles – o nº 12 e 19 –, são quartzitos branco opaco e não têm veios, mas sim manchas cor-de-rosa que permeiam a superfície.

Foram recolhidos 39 fragmentos cerâmicos, todos em fabrico manual, a maioria em mau estado de conservação, que, pelas pastas e/ou decorações, parecem pertencer a 5 recipientes todos recolhidos na área violada da câmara (Lx.3) ou, dentro desta, na fossa também destruída de um esteio (Lx.25).

Recipiente 1 – dele restam 5 fragmentos recolhidos em H e J10 (Lx.3), mas a diferentes profundidades (entre 146 e 245 cm), o que denuncia o grande revolvimento da câmara. É um recipiente de forma globular, aberto, decorado pela técnica de puncionamento arrastado feito com

punção de ponta triangular (o denominado “boquique” neolítico) (Fig. 9). Definem-se aí duas áreas decoradas: uma contígua ao bordo, formada por duas linhas paralelas entre si e simultaneamente paralelas ao bordo, e, seguida, na horizontal de um espaço vazio delimitado por nova linha paralela às anteriores. A esta segue-se uma zona de triângulos abertos ou zig-zags (pois a fragmentação não permite captar adequadamente o desenho). Apesar do mau estado de conservação revela superfícies polidas no exterior e interior, de cor castanha-escuro, e de núcleo ainda um pouco mais escuro. Apresenta uma pasta de textura homogénea, com desengordurante fino e uniformemente distribuído, formado por pequeníssimos elementos de feldspato, quartzo e mica.

Recipiente 2 – trata-se de um recipiente liso exumado em H10, H11 e J10, também na violação da câmara (Lx.3) e, num caso, no complexo 25 (Lx.25). Dele temos 22 fragmentos, correspondendo um deles a um fragmento muito pequeno de bordo. Tratar-se-ia de um recipiente globular, fechado, mas os fragmentos não admitem as colagens que definiriam melhor o vaso. O mau estado de conservação leva, em muitos casos, à ausência de superfícies externas. Nas partes conservadas revela que teria superfícies bem alisadas no interior e exterior, ambas de coloração castanho-claro (e núcleo da mesma cor). Parece ter sido feito pela técnica de rolo. Apresenta textura compacta, com pasta similar à do recipiente 1.

Recipiente 3 – refere-se a 4 fragmentos recolhidos em H10 no complexo 3, sendo este recipiente possivelmente decorado, pois um dos fragmentos apresenta uma linha incisa larga, mas muito delida. Desconhece-se a forma. Apresenta superfícies bem alisadas no interior e exterior, de cor castanho-claro no exterior e núcleo e um pouco mais escuras no interior. A pasta é compacta com desengordurantes semelhantes aos dos recipientes anteriores.

Recipiente 4 – 6 fragmentos (recolhidos em H10 e J10), sendo que 2 apresentam uma decoração formada por linhas incisivas largas, paralelas entre si, e que parecem ter percorrido horizontalmente o vaso. Desconhecemos o tratamento das superfícies por estarem muito destruídas. Parece ter tido cor castanha-escuro e pasta compacta, mas o desengordurante, de quartzo, mica e feldspato, é mais grosseiro do que o dos restantes 3 recipientes. Parece ter sido também fabricado pela técnica de rolo.

Recipiente 5 – trata-se somente de um fragmento, recolhido em H10 (Lx.3), com a superfície externa polida e interna alisada, de cor castanho-claro, com uma mancha negra e núcleo cinzento. Apresenta pasta compacta e desengordurante similar ao dos recipientes 1, 2 e 3, tendo sido fabricado também pela técnica de rolo.

6. A COR NATURAL DOS ESTEIOS E SUAS GRAVURAS

O dólmen de vestíbulo do Castelo 1 possuía gravuras na câmara que se destinavam a ser vistas; porém, em dois esteios, a laje de cabeceira – esteio 5 –, bem como uma das lajes do vestíbulo – esteio 7 – foram gravados motivos na sua parte traseira, isto é, na parte escondida pela mamoa e portanto não visíveis após a construção desta.

Falemos destas últimas em primeiro lugar.

A laje de cabeceira seria uma laje de grandes dimensões (Quadro 1), de quartzito cinzento esverdeado, com manchas de cor vermelho vinho e amarelas; é diferente dos restantes esteios na cor, textura e dureza. Aliás, uma das notas marcantes do dólmen no seu interior é precisamente a variedade de texturas e de cores que ainda exibem os esteios que restaram das destruições.

A laje de cabeceira permite uma gravura mais fácil pois é menos dura, mais “xistosa” e menos quartzítica. Dela só resta a parte inferior (cerca de 1/3) e na face voltada ao interior da câmara já lhe falta uma “lâmina” de xisto de 5cm de espessura. Deste modo, nunca mais teremos possibilidade de saber se existiriam aí gravuras (ou pinturas), ou se se trataria duma superfície sem iconografias.

Na parte posterior foi gravada pela técnica de picotagem contínua e descontínua (sem movimento abrasivo posterior), e aí definem-se 3 motivos esquemáticos que ocupam toda a superfície conservada. Tal facto faz supor que a laje poderia ter tido muitos mais motivos. Organizam-se por planos horizontais que se sucedem verticalmente – *sequência* vertical. O plano inferior conta com 2, dispostos lado a lado, e acima destes, noutra plano, define-se um terceiro, que consiste em 7 linhas paralelas verticais, unidas na base por uma linha horizontal (Fig.13, em cima). A composição parece estar organizada segundo o eixo vertical, já que em todos os motivos dominam as linhas verticais. Se assim for, então é possível que esta laje tenha sido gravada *in situ*, sabendo-se de antemão que iria estar posicionada verticalmente. Em alternativa, poderia ter sido trazida doutro sítio já gravada, mas nesse outro presumível local deveria estar já também em posição vertical.

O esteio 7, do vestíbulo, foi gravado também na parte posterior com pequenas picotagens, que hesitamos em denominar de covinhas. Se aquelas do lado superior esquerdo, pela irregularidade, podem ser marcas de pico, *tout court*, as do grupo central, dispostas de modo aproximadamente circular, parecem-nos claramente intencionais (Fig. 13, em baixo).

Este esteio é rectilíneo no lado voltado à câmara, e tem forma arredondada no extremo oposto. Pode-se então colocar também a hipótese de eventualmente ter sido projectado para ocupar uma posição vertical, assente num dos seus lados menores— ou seja, naquele rectilíneo; ou pode mesmo, temporariamente, ter ocupado essa posição, neste ou noutra local. Nesse caso as gravuras poderiam ter sido vistas enquanto o mesmo estava noutra posição. De qualquer modo, a construção da mamoa, tal como no caso anterior da laje de cabeceira, colocou-as para sempre no segredo.

Dos esteios da metade sul da câmara só restava a parte inferior do 9 e 10 (os dois primeiros da entrada do lado esquerdo) (Fig.5, 6). Tal constatação relativiza o facto de 3 dos 4 esteios da metade norte estarem gravados; quer dizer, a metade direita da câmara está gravada, mas a metade sul quase não se conservou.

O esteio 1, da entrada, embora fragmentado, exhibe uma figura circular feita por picotagem descontínua, pouco profunda, a cerca de 70 cm da base (Fig. 14).

O esteio 3, também fragmentado, tem, do lado direito, e em sequência vertical, dois planos: cada um deles exhibe uma figura formada por linhas rectas verticais ou subverticais, aproximadamente paralelas entre si e unidas na base por uma linha horizontal. Trata-se de figuras formalmente similares àquela da laje de cabeceira, embora aqui a técnica utilizada – picotado seguido de abrasão insistente – confira ao traço uma regularidade muito grande. O sulco é pouco profundo, talvez devido à dureza do xisto, mas também é provável que o mesmo, tal como no esteio 1, se destinasse a receber e melhor fixar pinturas. Os veios esbranquiçados que sobressaem da superfície acinzentada e dura podem ter sido importantes na configuração da composição que parece afectar somente a metade direita daquele esteio (Fig. 14 e 15, em baixo).

O esteio 4, quase completo, é aquele que ladeia a laje de cabeceira pelo seu lado direito (Fig. 5,6, 10,14 e15). Apresenta quer em termos imagéticos, quer em termos de contorno, uma forma vagamente antropomórfica estruturada por uma sequência vertical de planos horizontais bem delimitados por meio de veios naturais da rocha. A superfície deste esteio foi extremamente difícil de gravar já que se trata de quartzo quase puro, de cor alaranjada. Assim, nas gravuras verticais, algo similares às do esteio anteriormente descrito, a técnica utilizada foi a mesma daquele. Nas gravuras que desenham linhas curvas, percebem-se perfeitamente os picotados do pico utilizado, pois somente os traços mais largos foram sujeitos a processos abrasivos.

Neste esteio as gravuras, as irregularidades da rocha e os veios *salientes* horizontais formam um conjunto que deve a nosso ver ser visto como tal. Quer dizer, como uma composição unitária que joga com a cor da superfície – laranja –, com a imagem dos veios esbranquiçados e com as gravuras picotadas, sujeitas ou não a polimento posterior.

Se as gravuras se organizam em planos sucessivos horizontais (dispostos em sequência), o efeito é o de um personagem com um “manto” decorado, dividido em tramos horizontais, tendo a “face” puxada para o lado esquerdo; esta é marcada inferiormente por uma linha curva alongada, à qual se seguem duas covinhas ligadas por um arco, como que sugerindo uma “face oculada” (embora o nosso desenho não seja suficientemente sugestivo a esse respeito).

A variedade cromática das pedras da câmara parece ter sido outro dos objectivos pois em esteio lado a lado vai-nos surgindo uma variedade que se nota logo de entrada. Do lado direito esteio 1 é castanho amarelado; o 2 cinzento acastanhado; o 3 cinzento com veios brancos; o 4 laranja com veios brancos e partes mais esbranquiçadas; o 5 cinzento esverdeado, com manchas de cor vermelho vinho e amarelas. Do lado esquerdo, os esteios 9 e 10 são similares ao esteio 1, castanho amarelados (Fig. 15, em baixo).

Trata-se duma variedade cromática que existe nas rochas da região, mas tal facto não impede que a cromatografia das pedras não tenha sido um factor importante, ou até determinante, na escolha.

7. ALGUMAS NOTAS FINAIS

Vamos expor dum modo necessariamente sintético aquilo que nos parece ser de realçar no monumento megalítico do Castelo 1.

Integra-se numa região – Trás-os-Montes oriental onde começam a rarear os dólmenes, tendendo estes a surgir isolados ou então agrupados em pequenos “conjuntos” que se vão disseminando na paisagem ondulada, mas onde cada monumento pode distar do anterior entre 300 a 500 metros (Fig.2).

Partilha com o vizinho monumento da Alagoa muitas das suas características construtivas e rituais, mormente no que respeita à *utilização do fogo como elemento indissociável da construção e do encerramento* (da condenação), bem como os diferentes “passos construtivos”. Dada a violação não nos podemos pronunciar sobre a “utilização” propriamente dita, ou seja, a frequência da câmara e corredor. Partilha ainda, a nosso ver, a abertura do eixo do corredor, que se volta a nascente, na direcção do pico mais alto da contígua Serra de Passos/Stª Comba. Assim, *a Serra de Passos, habitada e frequentada desde o 5º mil. AC, parece continuar a ser um elemento da paisagem conceptual que estes dólmenes querem reforçar e perpetuar.*

Mesmo que os dólmenes d’Alagoa e do Castelo 1 não sejam exactamente contemporâneos no seu uso – pois o dólmen do Castelo só foi encerrado cerca de 1 milénio após o da Alagoa— as características apontadas no ponto anterior, bem como a deposição insistente de “artefactos” como cristais, núcleos com talhe, lascas com talhe, etc., apontam no sentido duma tradição arreligada no modo de construir e encerrar dólmenes que se manteve nesta região cerca de 1 milénio ou 1,5 milénios (do início do 4º mil. aos meados do 3º mil. AC).

Porém, estes dólmenes mantêm diferenças que não devem ser menosprezadas. O dólmen do Castelo é de maiores dimensões, possui câmara e vestíbulo (e não câmara e corredor), e praticamente não possuía o espólio que habitualmente se encontra nos dólmenes²²: machados, enxós, goivas, micrólitos, pontas de seta, contas de colar. Se tal ausência pode ser devida em parte às violações, o certo é que nem no corredor, intacto, não se encontrou tal tipo de espólio, mas somente alguns fragmentos de recipientes na câmara. Esta particularidade, repetimos, deve ser devidamente avaliada na hora de perceber quais poderiam ter sido as idiossincrasias do dólmen do Castelo 1, isto é, as motivações particulares que teriam distinguido a sua construção e uso da dos demais dólmenes.

²² No NW peninsular em geral, ou mesmo nos vizinhos dólmenes de Alagoa (Sanches e Nunes, 2004) Madorras 1 (Sabrosa) (Gonçalves e Cruz, 1994) e Fonte Coberta da Chã de Alijó (Carvalho e Gomes, 2000).

Não podemos saber se a câmara do monumento da Alagoa tinha ou não iconografias, já que lhe faltavam todos os esteios; mas a presença de pequenas “estelas” na câmara desta pode ter sido mais uma marca nas diferenças relativamente à do Castelo.

Esta comparação, feita em primeiro lugar com um monumento do mesmo conjunto tem como objectivo mostrar que embora ambos os monumentos possam ter sido construídos em momentos próximos, no início do 4º milénio (se aceitarmos a data mais antiga do Castelo 1), cada monumento corporiza um cruzamento de ideias que advêm da tradição (que pode ler-se como cosmogonia arri-gada entre estas populações regionais) com intenções particulares que estão na base da programação e erecção de cada monumento.

A deposição de seixos nos átrios, uns de forma antropomorfa, ou somente com formas e cores sugestivas (segundo a nossa perspectiva, contemporânea) embora não possa ser considerada como sendo um facto “rotineiro” em monumentos do NW peninsular, já é suficientemente repetitivo para que este procedimento possa ser considerado um elemento cultural partilhado à distância com outras comunidades, mas onde em cada região ganha, naturalmente, especificidades diversas. A presença de esteios antropomorfizados (no Castelo 1), bem como de lajes soltas—estelas (na Alagoa) – parece indiciador de que haverá seres, divindades, que se assume corporizam este espaço de segredo onde residem ou guardam os ancestrais.

8. RESTAURO E “MUSEALIZAÇÃO”

A mamoa do Castelo foi objecto de restauro, embora a musealização/divulgação propriamente dita ainda não tenha tido lugar até à data por falta de meios, é certo, mas sobretudo pelo desinteresse do novo executivo municipal neste tipo de acções (Fig. 15).

O dólmen é visitável. Fica a cerca de 200 m duma estrada alcatroada— na entrada da aldeia do Castelo—, e imediato a um estradão de terra batida que conduz a Zebras, Aboleira e Toubres; porém, no momento em que terminamos este texto (Fevereiro de 2006), verificamos que o dólmen não é visitado porque simplesmente permanece desconhecido. Nem um desdobrável no posto de turismo de Murça, nem qualquer placa indicativa em qualquer acesso por estrada o anunciam.

Todo o monumento foi restaurado em 2000 e 2001; esse restauro partiu, naturalmente, da interpretação que a escavação nos deu da estrutura monumental e de opções relativas a uma boa preservação do monumento. O restauro foi dirigido por uma das signatárias (MJS), e realizado com o apoio da Junta de Freguesia de Jou e da Câmara Municipal. Participaram nesse restauro, além de alunos da FLUP e do Dr. Marcelino Augusto, funcionário da Câmara Municipal, os Senhores Evaristo Moreira, José Teixeira e José António da aldeia de Palheiros, bem como o Sr. Fernando Alves da aldeia do Castelo.

Os esteios 1, 2, 3, 4, 5, 7 e 8, bem como os pilares exteriores direito e esquerdo, foram soerguidos (colocados na vertical); os esteios 9 e 10 estavam fora das suas fossas de assentamento e foram encaixados nas fossas que nos pareceram as mais prováveis. Somente o esteio 4 parecia manter as dimensões originais. Deste modo, a sua altura serviu como ponto de referência para o alteamento das paredes de toda a câmara.

Dado que os esteios estavam partidos, foi construída em torno a toda a câmara (pelo seu lado exterior), uma parede de pedra seca (ou solta, sem argamassa) em xisto quartzítico, que teve como função escorar a estrutura megalítica central. Na metade sul da câmara essa parede preenche também o lugar dos dois esteios que não foram encontrados, mas segue o desenho planimétrico dado pelas suas fossas de inserção. Chegada à altura de cada esteio fragmentado, tal parede exterior “espessa”, avançando por sobre a fractura dos esteios partidos (esteios 1, 2,3,5,9 e 10) até perfazer a altura do esteio 4.

Dada a ausência da laje de cobertura, e para que a estrutura ficasse segura (se conservasse), foi construída uma cobertura em cimento armado.

A mamoa foi também restaurada. Nas sanjas norte, sul, e oeste, as crateras da escavação foram preenchidas com sedimentos argilosos, mas a couraça não foi reconstituída pois a solidez da argila tornou tal pormenor dispensável. Nas zonas somente decapadas – particularmente na área leste— procedeu-se somente a uma cobertura com sedimentos argilosos.

Sedimentos argilosos foram também lançados por sobre a laje de cobertura, para melhor a proteger da intempérie. De qualquer modo, neste caso desconhecíamos se a original estaria ou não coberta pela mamoa; quer dizer, nunca saberemos se seria ou não visível do exterior, particularmente após a condenação.

Seguindo o desenho original do corredor intratumular (que estava selado no momento da escavação), foi de novo moldado em argila um outro. Tal tarefa revelou-se bastante difícil porque iniciada em tempo seco (mês de Julho), em que era quase impossível conseguir a adequada hidratação dos sedimentos; por tal razão teve de ser completada mais tarde, no mês de Outubro, quando a terra argilosa já se encontrava mais húmida e mais fácil de enformar e de fixar.

Em Dezembro de 2004 verificámos que a parte norte do corredor intratumular, junto da câmara, por sobre as lajes do vestíbulo, ruiu parcialmente. Tal facto vem mostrar que estes monumentos no passado necessitavam de alguma manutenção, tal como necessitam no presente.

Ainda no Verão de 2003, quando desenvolvíamos escavações no Crasto de Palheiros, procedemos ao corte de alguma da vegetação que já cobria a mamoa: gramíneas, giestas com certo porte, tojos e pinheiros jovens (com 20-30 cm de altura). No presente (Fevereiro de 2006), a mamoa necessita de nova limpeza pois caso contrário, dentro de poucos anos terá enormes pinheiros cobrindo de novo toda a massa tumular.

Esta ocorrência fez-nos reflectir no aspecto com que estes monumentos se apresentariam no passado (3º mil. AC) após o encerramento. Se a renovação da vegetação é tão rápida neste local, seria obrigatoriamente a manutenção da colina artificial que lhe daria o aspecto pretendido (que julgamos pretendido).

Uma nota final. Temendo que a penetração de águas que ocorre através do corredor/vestíbulo se detivesse em poça na câmara de solo argiloso, procurámos um escoamento contínuo dessa água. Não sabemos como tal problema teria sido resolvido no 4º-3º mil. AC, sendo até provável que muitos dos monumentos, que não se destinavam propriamente a serem visitados em qualquer época do ano e por muita gente, simplesmente acumulassem água e humidade.

Antes do restauro do corredor e de toda a zona leste, abrimos, no solo de base, uma vala de cerca de 50 cm de largura por 25-30cm de profundidade, que, partindo do centro da câmara escoasse as águas para o exterior da mamoa, a cerca de 3 m de distância do átrio. Esta vala foi cavada com uma inclinação de 5% (descia 5 cm por cada metro), preenchida com gravilha e por sobre esta foram colocadas lajes planas para impedirem que os sedimentos argilosos preenchessem os interstícios da gravilha. Também o piso da câmara foi coberto com gravilha (numa espessura de entre 8 e 10 cm) para permitir uma melhor limpeza bem como para prevenir que os visitantes escorregassem no solo húmido e resvaladiço.

Verificamos com agrado que qualquer que seja a época do ano em que visitemos o dólmen do Castelo, não se encontra humidade nem no solo, nem nas paredes.

AGRADECIMENTOS

Agradece-se ao Sr. António A. Aires, presidente da Junta de Freguesia de Jou, a dedicação contínua a este trabalho, bem como a preocupação pessoal do Sr. José Gomes e do Sr. Eng. A. Bessa Guerra, presidente e vice-presidente da Câmara de Murça, respectivamente, e sem a qual a

escavação e restauro não se poderiam ter realizado. Agradece-se ainda a colaboração de vários habitantes da aldeia do Castelo e em particular ao Sr. Fernando Alves. Ao arqueólogo Rafael Morais devemos a realização de imagens topográficas e a Paulo Santos a ajuda na digitalização de imagens.

Queremos agradecer também à Sra. D. Filomena, ao Sr. Manuel Borges, à D. Alcina e à D. Paula, da Residencial Borges - Murça, por nos terem dado um suporte logístico que ia além da sua obrigação; destacamos somente o fornecimento de lenha e de cobertores para a Casa dos Serviços Florestais da Serra da Garraia, e sem os quais a equipa não poderia ter suportado o frio e a chuva (e as trovoadas) dos meses de Abril e Maio do ano 2000.

BIBLIOGRAFIA

- AGROCONSULTORES E COBA (1991), *Carta dos solos, carta do uso actual da terra e carta da aptidão da terra do Nordeste de Portugal*, UTAD, Projecto de Desenvolvimento Rural Integrado de Trás-os-Montes (com “Memórias” e “Anexos” policopiados).
- AZEVEDO, M. de (1895), “Notícias archeológicas de Trás-os-Montes”, *O Archeologo Português*, vol. I, Lisboa, pp. 130.
- CARVALHO, P.S. e GOMES, F.C.(2000)- O dólmen da Fonte Coberta (Alijó, Vila Real). In *Estudos Pré-históricos*. 8. Viseu. CEPBA. pp. 19-47.
- COSTA, A. L. Pinto da (1992), *O concelho de Murça (retalhos para a sua história)*, Câmara Municipal de Murça.
- COSTA, J. C. et al. (1998), “Biogeografia de Portugal Continental”, *Quercetea*, vol. 0, Associação Lusitana de Fitossociologia, Bragança, pp. 5-56.
- CRUZ, D. J. (2001), *O Alto Paiva: megalitismo, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-História Recente*, Dissertação de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- FIGUEIRAL, I. (2004), “Antracologia e Megalitismo na região Corgo/ Tua (NE Portugal): as mamoa d’Alagoa e Castelo”, *Portugália*, Nova Série, vol. 25, Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, pp. 43-51.
- FIGUEIRAL, I.; SANCHES, M. J. (1998-1999), “A contribuição da antracologia no estudo dos recursos florestais de Trás-os-Montes e Alto Douro durante a Pré-história recente”, *Portugália*, Nova Série, vol. XIX-XX, Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, pp. 71-101.
- GONÇALVES, A. H. B. e CRUZ, D. J.(1994) – Resultados dos trabalhos de escavação da mamoa 1 de Madorras (S. Lourenço de Ribapinhão, Sabrosa, Portugal), *Estudos Pré-históricos*.2.Viseu.CEPBA. pp. 171-232.
- SANCHES, M. J. (1994), “Megalitismo na bacia de Mirandela”, *Actas do Seminário “Megalitismo no Centro de Portugal”*, (Mangualde, Nov. 1992), Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, pp.249-284.
- SANCHES, M. J.; NUNES, S. A. (2004), “Monumentos pétreos do 4º e 3º mil. BC: suas formas, topografias e contextos na área central de Trás-os-Montes (Nordeste de Portugal)”, *Actas do 1º Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre da Europa Atlântica – Sinais da Pedra* (Évora, 24-26 Janeiro 2003), Fundação Eugénio de Almeida, Publicado em CD, pp.1-26.
- SANCHES, M. J.; NUNES, S. A. (2004), “Resultados da escavação da mamoa d’Alagoa (Toubres, Jou) – Murça (Trás-os-Montes)”, *Portugália*, Nova Série, vol. 25, Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, pp. 5-42.
- NUNES, S. A. (2003), *Monumentos sob tumulus e meio físico no território entre o Corgo e o Tua (Trás-os-Montes): aproximação à questão*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2 vols. (policopiada).
- NUNES, S. A. (no prelo), “Reflexões sobre a paisagem tumular entre o Corgo e o Tua (Trás-os-Montes, NE de Portugal)”, *Actas do 4º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Faro, Setembro de 2004.
- TABORDA, V. (1987), *Alto Trás-os-Montes. Estudo geográfico*, “Colecção Espaço e sociedade”, 2ª ed., Livros Horizonte, Lisboa.

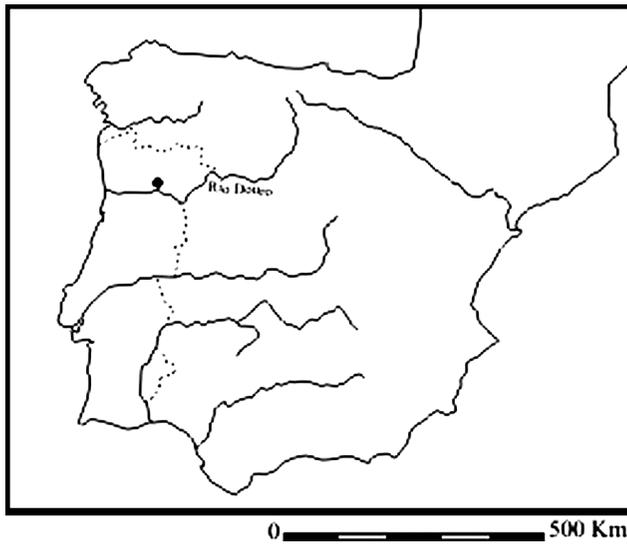


Fig. 1 – Localização da Mamoia 1 do Castelo na Península Ibérica e com o nº 1, na “Carta Militar de Portugal”, na escala 1:25 000, fl. 75, Sta. Maria de Émeres, 2ª edição, 1998.



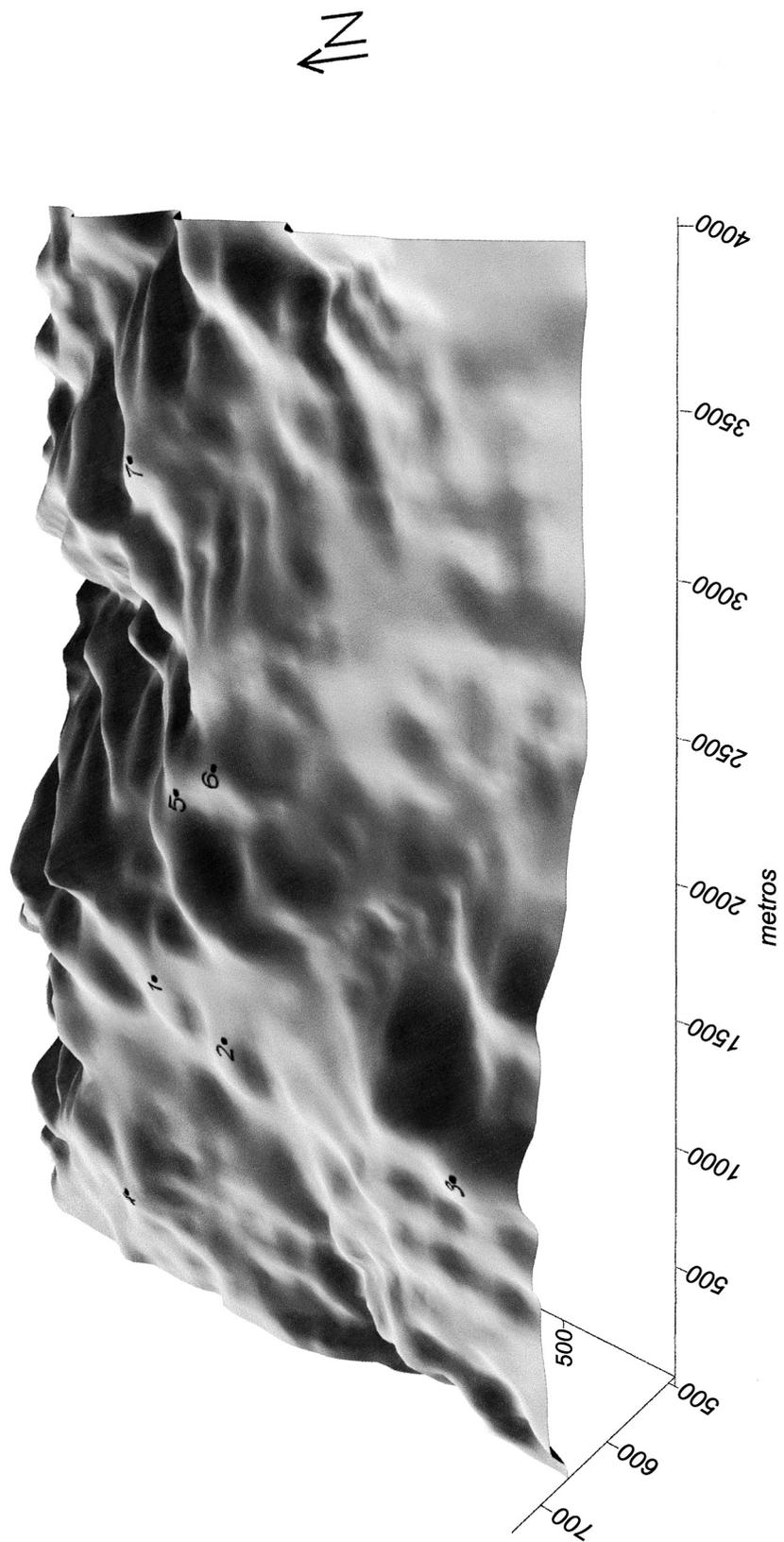


Fig. 2 – Localização do conjunto do Castelo: **1** – Mamoa 1 do Castelo; **2** – Mamoas 2 e 3 do Castelo; **3** – Mamoa d'Alagoa; **4** – Mamoa dos Borrallheiros; **5** – Mamoa 1 do Tremedeiro; **6** – Mamoa 2 do Tremedeiro; **7** – Mamoa do Cabeço d'Assedande. Vista em perspectiva wireframe (aplicação do software Surfer 8).

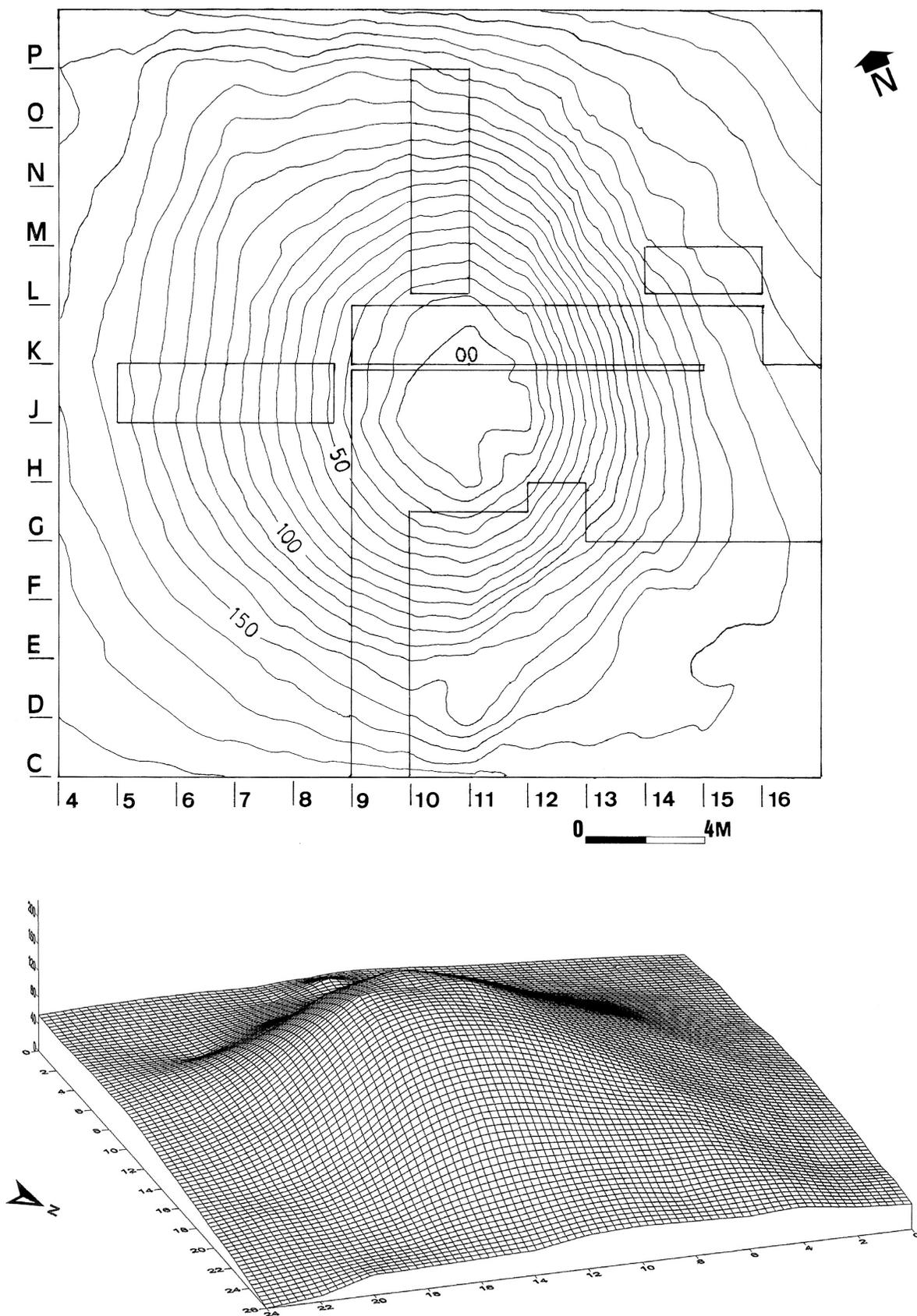


Fig. 3 – Mamoa 1 do Castelo: levantamento topográfico com a marcação da área escavada (em cima) e vista em perspectiva wireframe (aplicação do software Surfer 8) (em baixo).

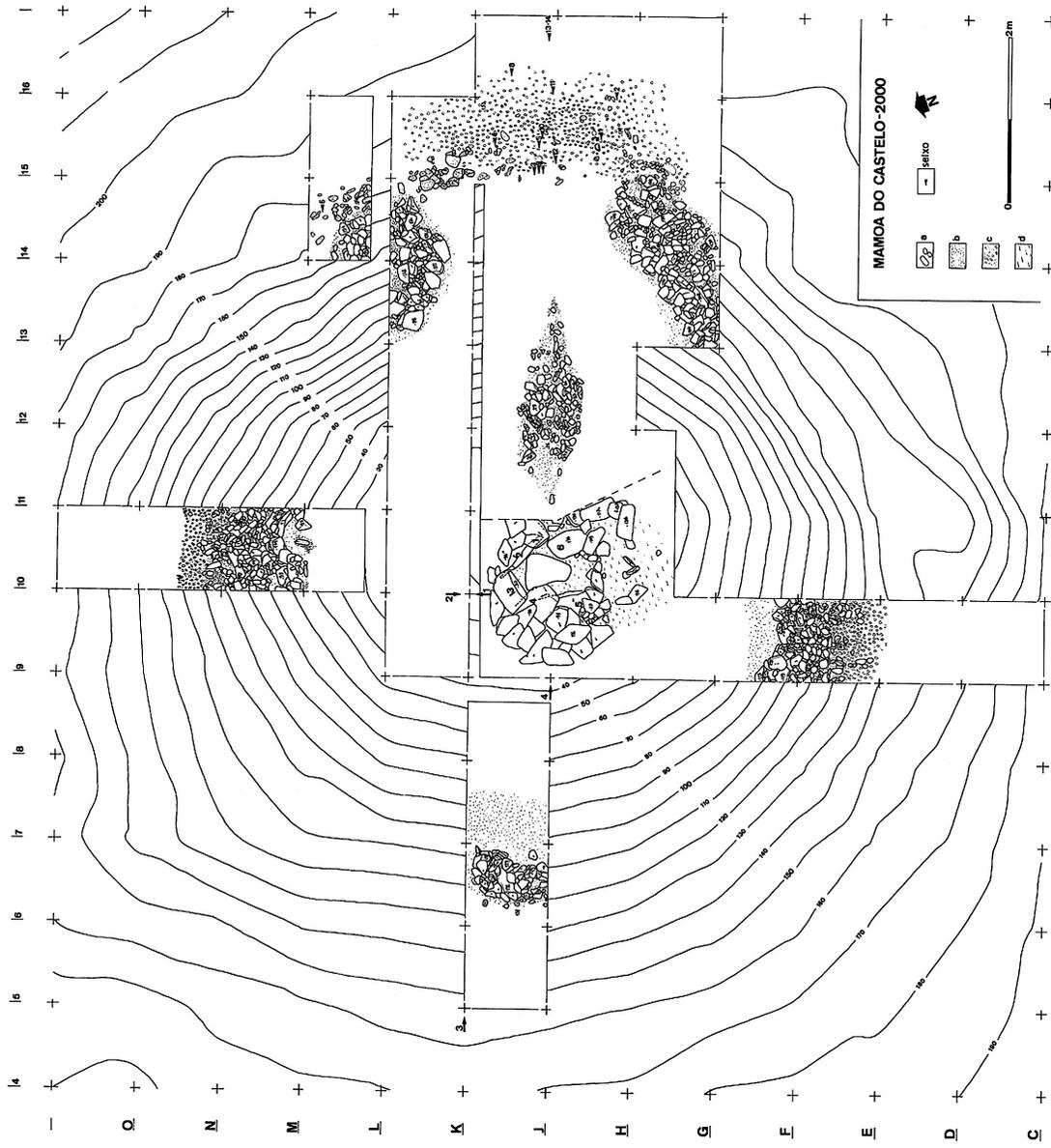


Fig. 4 – Mamoa 1 do Castelo: planta geral.
a – Pedras do fecho do átrio. **b** – Terra queimada e carvão. **c** – Acumulação de pequenos seixos de quartzo leitoso. **d** – Sedimentos da violação da câmara.

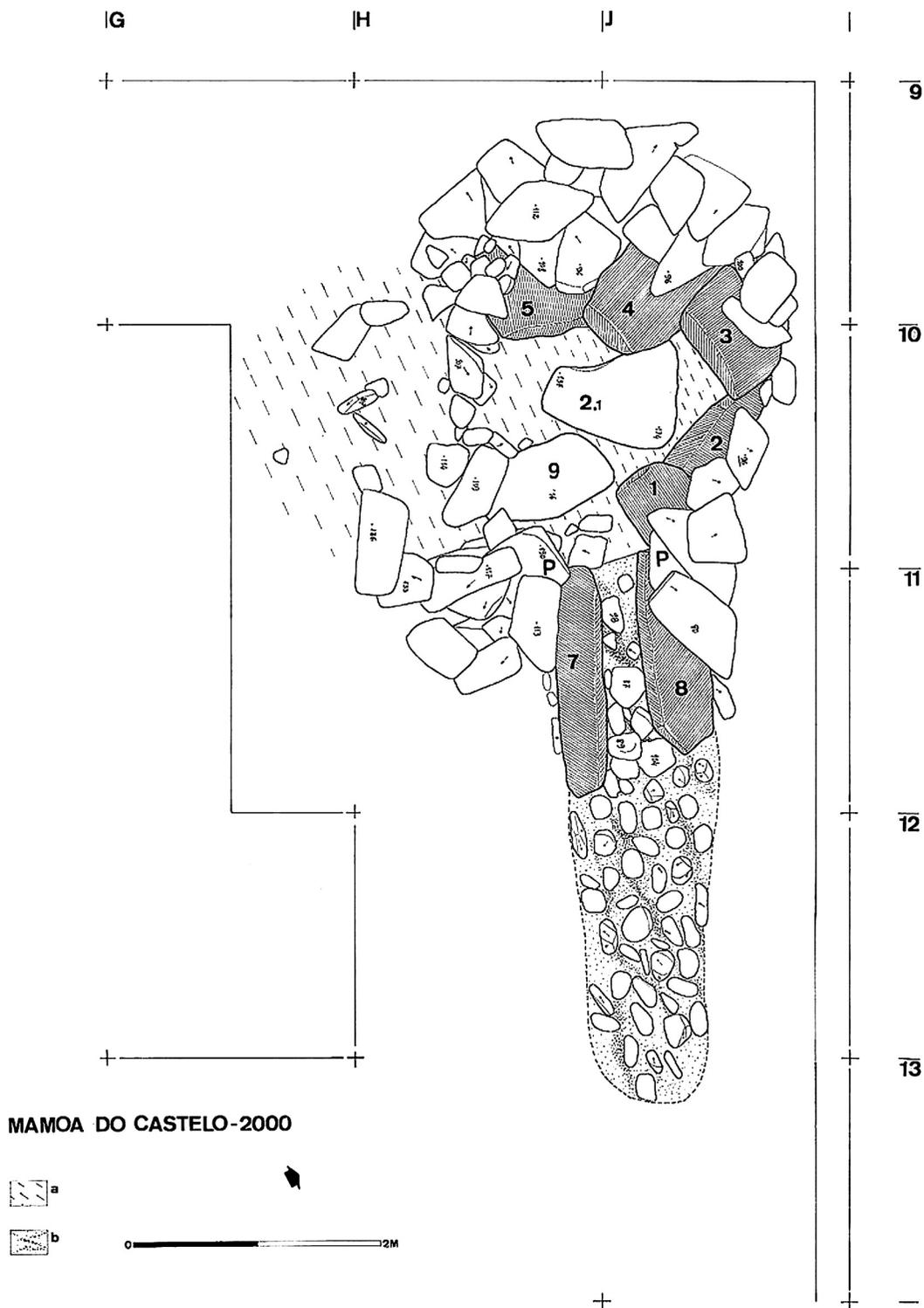


Fig. 5 – Planta da câmara, do vestíbulo e do corredor intratumular no momento da condenação deste e do vestíbulo.

a – Sedimentos da violação da câmara (que não atingiu o vestíbulo). **b** – Carvão e terra queimada decorrente da realização de fogo simultânea à colocação de pedras no momento de fecho do corredor intratumular e vestíbulo. **1, 2, 3, 4 e 5** – esteios que ainda se encontravam na sua posição original ou só levemente inclinados para o interior; **7 e 8** – esteios do vestíbulo e que foram intencionalmente inclinados para o interior no momento da condenação; **6** – esteio da câmara deslocado da sua posição original; **2.1** é uma das partes do esteio 2 que foi partido e jazia tombado no interior da câmara, entre os sedimentos da violação. **P** – pilares exteriores, tombados, situados no exterior da passagem da câmara ao vestíbulo.

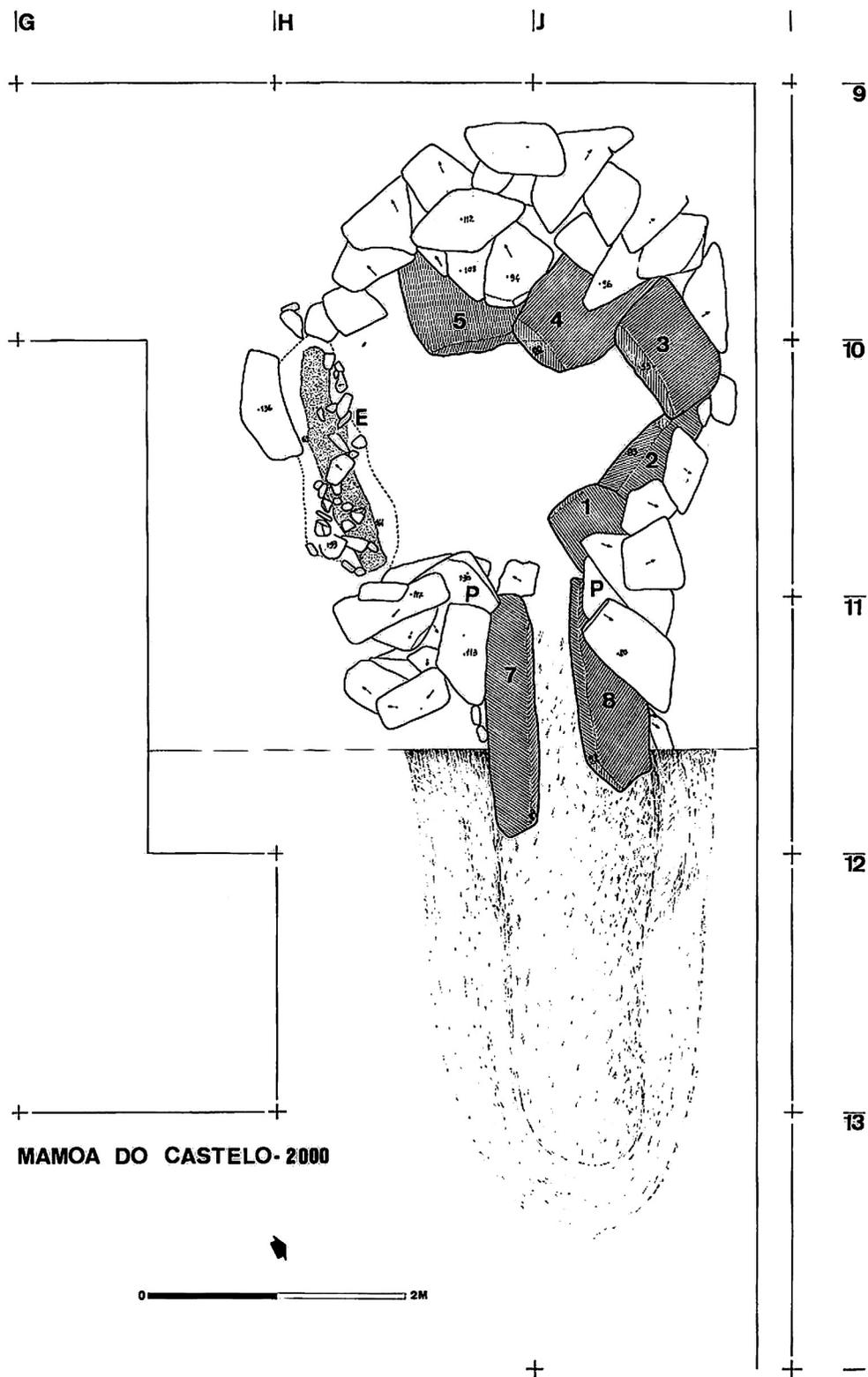
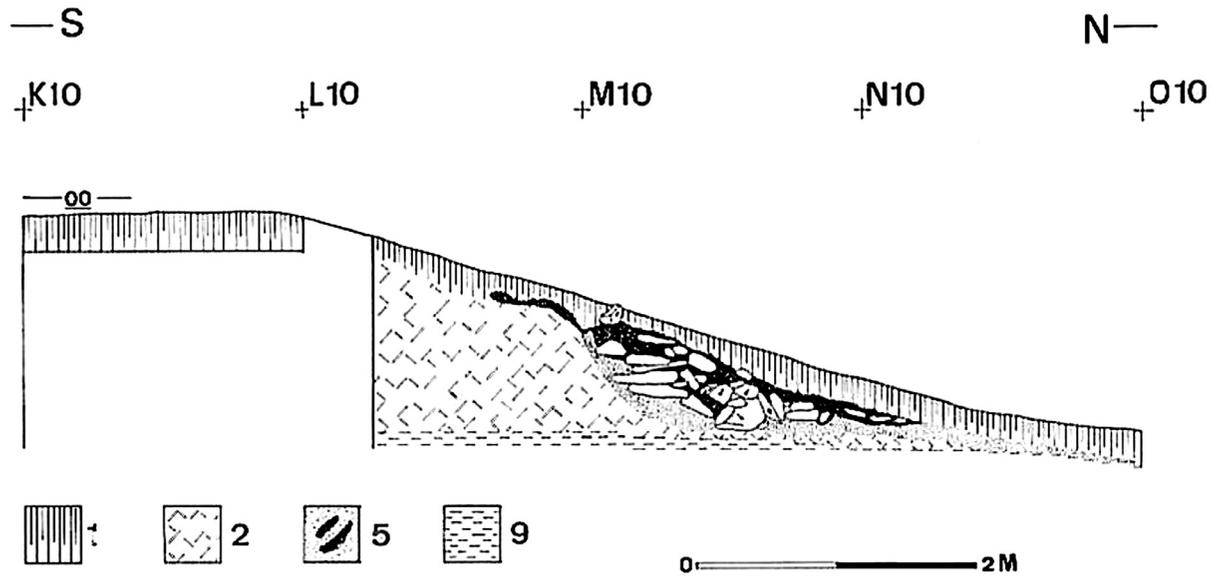
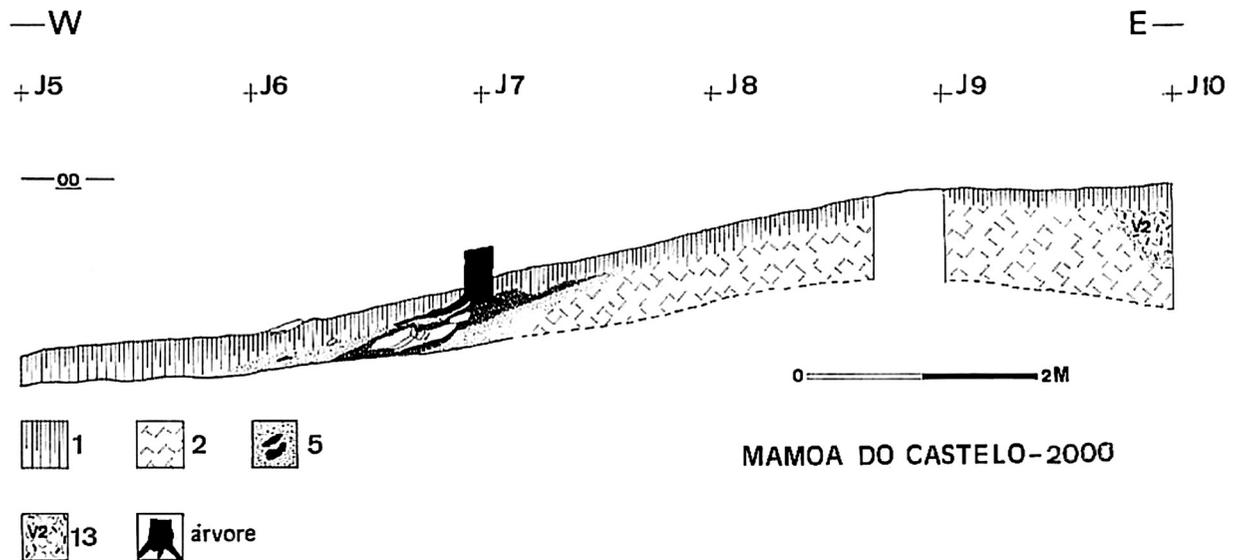


Fig. 6 – Planta da câmara, do vestíbulo e do corredor intratumular após a escavação total.

1, 2, 3, 4 e 5 – esteios que ainda se encontravam na sua posição original ou só levemente inclinados para o interior; **7 e 8** – esteios do vestíbulo e que foram intencionalmente inclinados para o interior no momento da condenação; **6** – esteio da câmara deslocado da sua posição original; **2.1** é uma das partes do esteio 2 que foi partido e jazia tombado no interior da câmara, entre os sedimentos da violação. **E** corresponde a uma fossa alongada de inserção de um ou dois esteios. **P** – pilares exteriores, tombados, situados no exterior da passagem da câmara ao vestíbulo. Frente ao vestíbulo define-se o corredor intratumular, moldado em argila.



MAMOA DO CASTELO-2000



MAMOA DO CASTELO-2000

Fig.7 – Cortes estratigráficos 2 (S-N), na sanja norte (em cima) e 1 (W-E), na sanja oeste (em baixo).

1 - terra humosa, argilosa (Lx. 1).

2 - terra do *tumulus*, argilosa, muito compacta, de cor amarelo-alaranjada com manchas ora mais amarelas, ora mais alaranjadas, e raramente negras (Lx. 2).

5 - terra do *tumulus*, de cor negra e com muito carvão (representada a negro) ou cinzenta/ castanho-escuro. Decorre da realização de fogo intenso sob e sobre as pedras da couraça (Lx. 4). Originalmente estender-se-ia por sobre toda a terra subjacente do *tumulus* (Lx.2).. 9 - solo geológico (argila compacta) (Lx. 29).

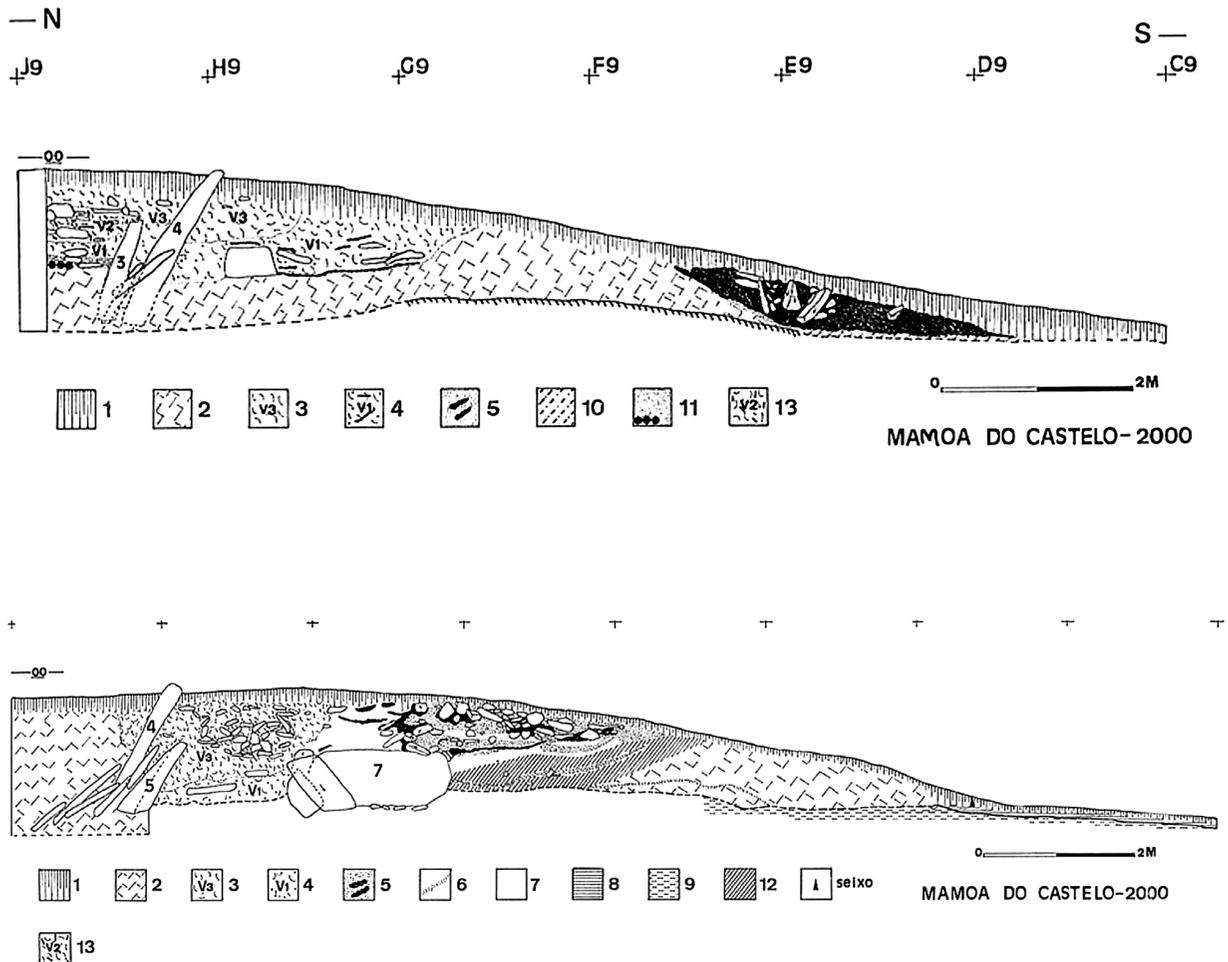


Fig. 8 – Cortes estratigráficos 3 (N-S), na sanja sul (em cima) e 4 (E-W) na sanja leste (em baixo).

1 – terra humosa, argilosa (Lx. 1). 2 – terra do *tumulus*, argilosa, muito compacta, de cor amarelo-alaranjada com manchas ora mais amarelas, ora mais alaranjadas, e raramente negras (Lx. 2). 3 – terra da mais recente violação da câmara, de natureza humosa, relativamente solta e com algumas pedras, de cor castanha-escuro (Lx. 3). 4 – terra da mais antiga violação da câmara, também de natureza argilosa, mas mais compacta que a anterior. Possui manchas de dimensão e cor muito variada: alaranjadas, castanho-claras ou negras, sendo estas decorrentes da realização de fogueiras (V1 e V2, e esta somente no Corte 3, correspondem à mais antiga violação da câmara). 5 – terra do *tumulus*, de cor negra e com muito carvão (representada a negro) ou cinzenta/ castanho-escuro. Decorre da realização de fogo intenso sob e sobre as pedras da couraça (Lx. 4). Originalmente estender-se-ia por sobre toda a terra subjacente do *tumulus* (Lx.2). 6 – terra argilosa, de cor castanho muito escuro, quase negra nalgumas áreas, resultante da realização de fogo pouco intenso quer no decurso da formação do corredor intratumular, quer durante a fase inicial da condenação daquele. 7 – Argila uniforme muito plástica, de cor laranja, utilizada na condenação do corredor intratumular e do vestíbulo. 8 – sedimentos negros sobre o solo geológico, no fecho do átrio e que integravam seixos e muito cascalho de quartzitos brancos e cristais. 9 – solo geológico (argila compacta) (Lx. 29). 10 – solo negro, com muito cascalho de quartzitos brancos e cristais. 11 – terra negra, queimada, atrás da câmara (esteios 3, em J9), que denunciava a realização de fogo e sob esta uma concentração de cristais de quartzo (indicados com um asterisco) (Lx.14). 12 – terra argilosa de cor avermelhada, ora mais escura ora mais clara, utilizada na condenação do corredor intratumular e vestíbulo. Com um triângulo marcam-se os seixos predominantemente negros com veios brancos integrados nos sedimentos negros descritos em 8.



Fig. 9 – (Em cima) duas imagens da Mamoa do Castelo no decurso da escavação. Na primeira observa-se a cou-raça, o corredor intratumular selado, bem como o âtrio; a segunda é um pormenor do corredor intratumular sela-do (seixos e sedimentos negros). (Em baixo) Recipiente decorado com a técnica de “boquique neolítico” e possí-vel machado).



Fig. 10 – (Em cima) Vista de sul: da câmara, do vestíbulo e do corredor intratumular selados (estes dois últimos no decurso da escavação); (Em baixo) Vestíbulo selado com pedras e sedimentos queimados e câmara bastante destruída, também no decurso da escavação. Indicam-se, além dos esteios, os Pilares exteriores esquerdo e direito (P).

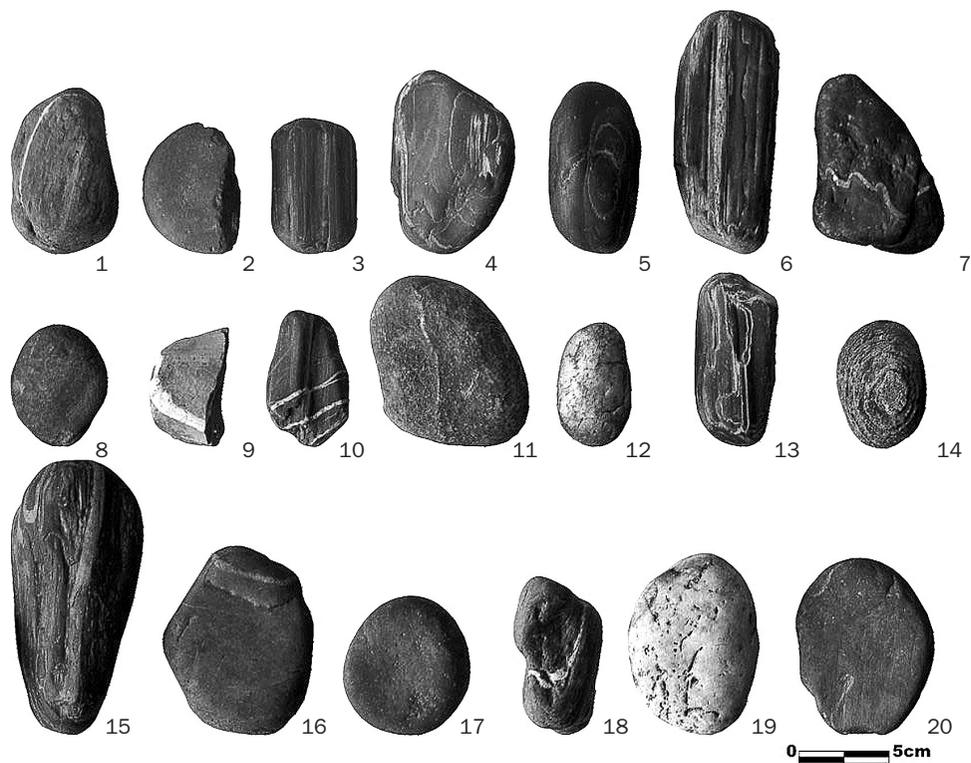
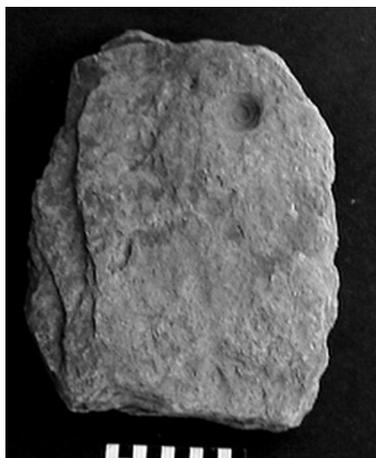


Fig. 11 – (Em cima) Seixos “negros” do átrio da Mamoa do Castelo: da esquerda para a direita 1 a 7 (fila superior); 8 a 14 (fila do meio); 15 a 20 (fila inferior). Em baixo: seixo 5, pedra com covinha e bloco de cristais (estas duas com escala. em centímetros).



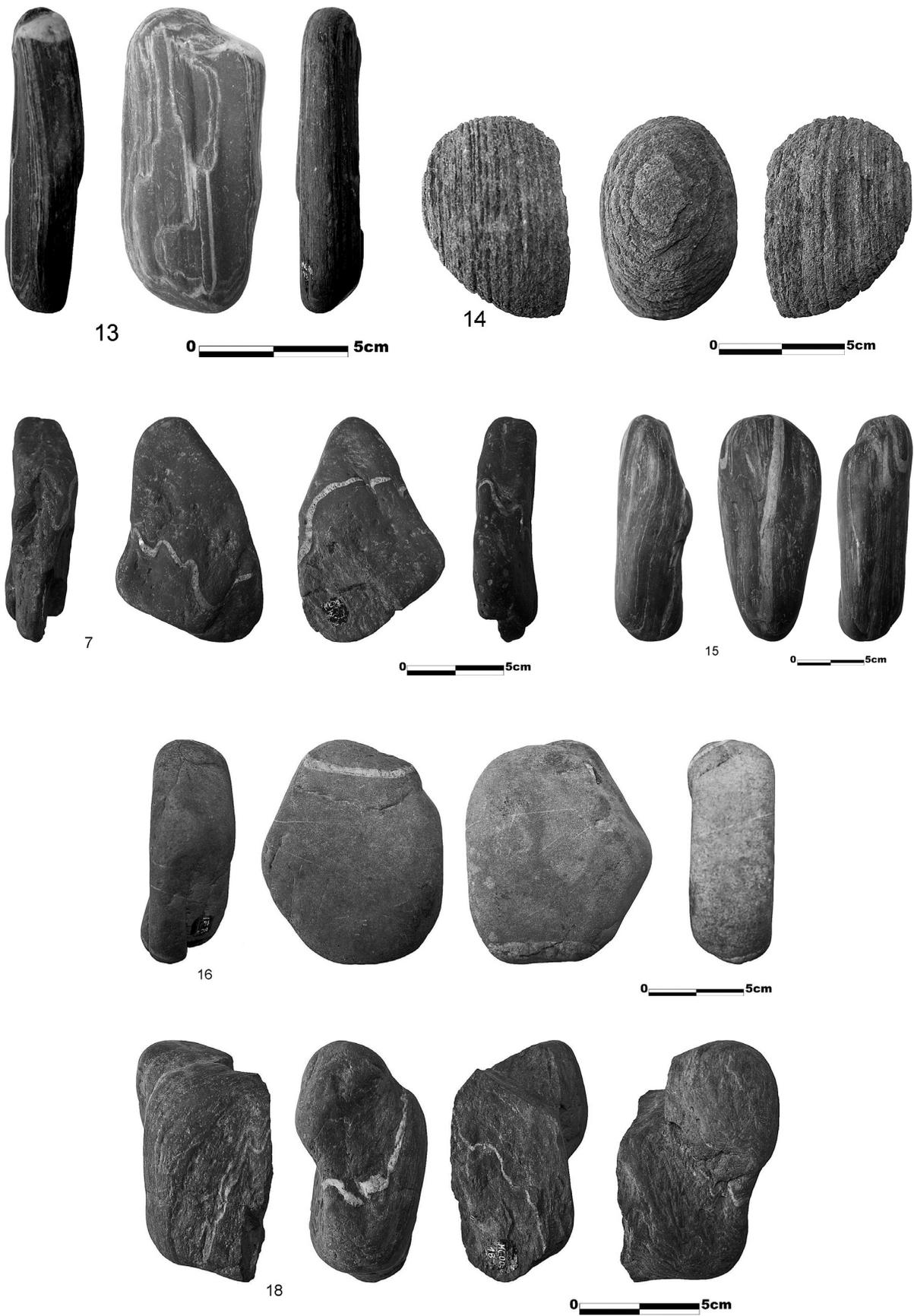


Fig. 12 – Seixos 13, 14, 7, 15, 16 e 18).

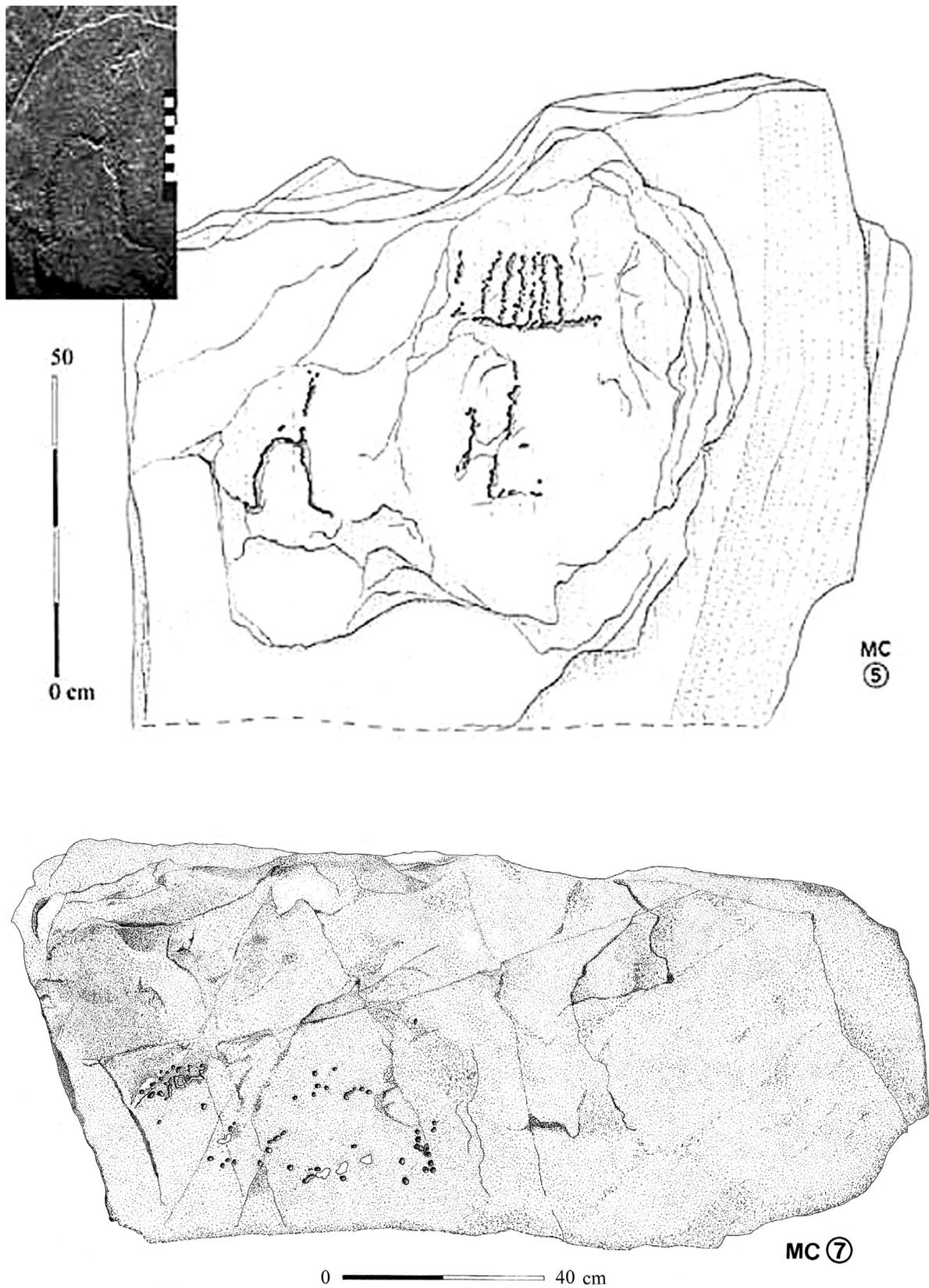


Fig. 13 – Gravuras “escondidas” na parte posterior da laje de cabeceira (Esteio 5, em cima) e na parte posterior do esteio 7 (do vestíbulo, em baixo).

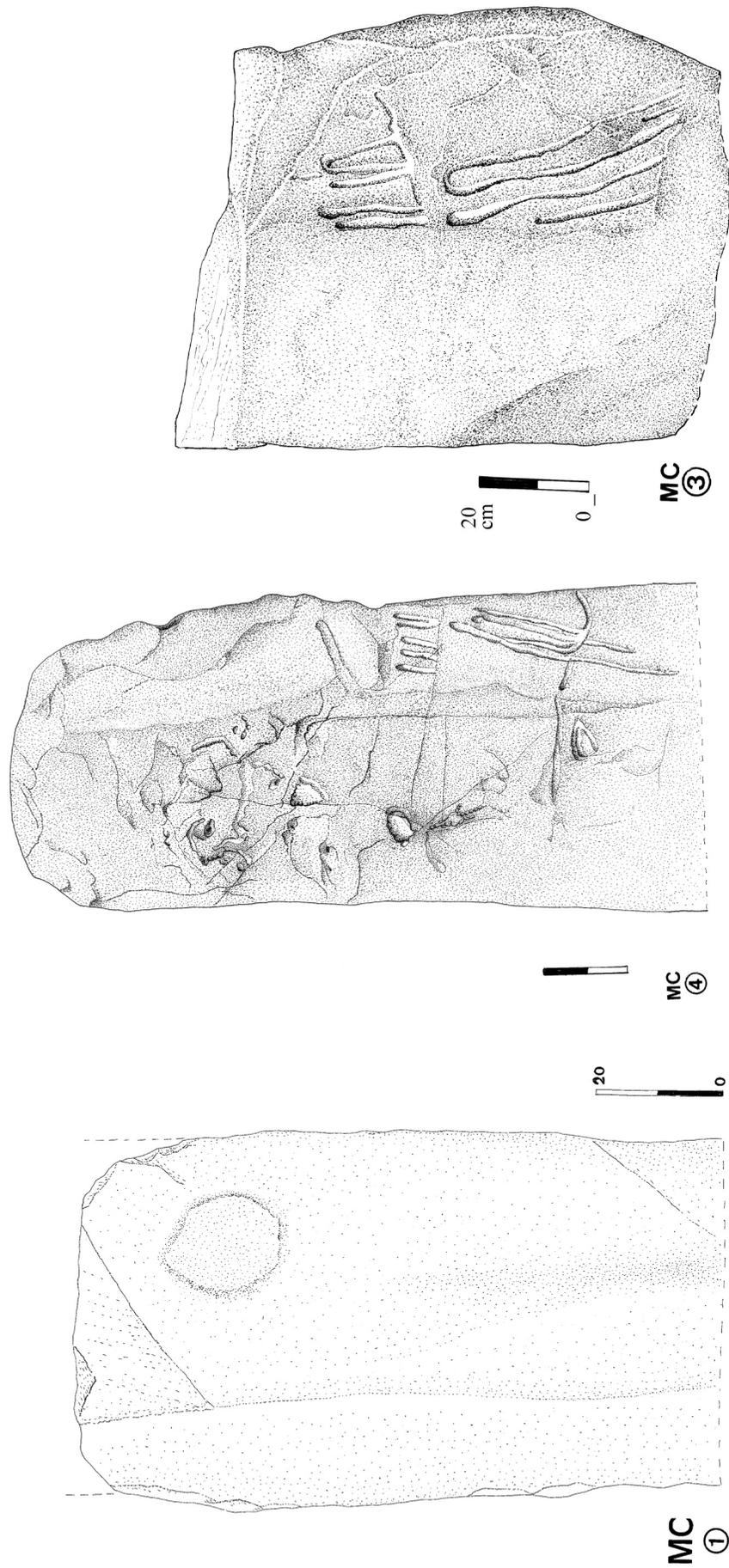


Fig.14 – Gravuras dos esteios 1, 3 e 4).



Fig. 15 – Três aspectos da Mamoa do Castelo após restauro. (Em cima) Aspecto geral com vista de NE (foto de J. Teixeira em Fev. de 2006); (Em baixo) Vista do interior da câmara para o exterior (foto do lado esquerdo); e aspecto do interior da câmara na sua parte norte: esteios 2,3,4 e 5 (foto do lado direito; estas últimas de A. Rolo, tiradas em 2005).

